

UMA HISTÓRIA DE
**NEVER
SKY**



ROAR E LIV

VERONICA ROSSI

ROCCO
JÓVENS LEITORES



VERONICA ROSSI

ROAR E LIV

HISTÓRIAS DA TRILOGIA NEVER SKY

TRADUÇÃO DE
ALICE KLESCK

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Gui e Pedro

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Créditos

A Autora

Teaser de *Sob o céu do nunca*

CAPÍTULO I

Faço minha investida enquanto a tribo dorme. Com passos leves, eu atravesso a clareira de terra, e o guizalhar dos grilos é o único som na noite tranquila de primavera. Quando chego à casa de Perry, subo pelo parapeito da janela e me estico, segurando no rufo enferrujado do beiral do telhado.

Lá vou eu.

Um.

Dois.

Três.

Impulsionando as pernas para o lado e para cima, eu me lanço ao telhado. Minha aterrissagem é quase silenciosa — só o raspão dos meus joelhos nos ladrilhos de pedra, enquanto meu corpo absorve o impacto do deslocamento, e o respingo do jarro de Luster amarrado ao meu cinto. Dizem que sou silencioso como um gato. Se as pessoas conseguissem ouvir tão bem quanto eu, elas saberiam que gatos são bem ruidosos.

Ficando de pé, eu bato a poeira da calça e examino as casas escurecidas que circundam a clareira. Ouço um ronco a distância. O rangido baixinho de uma porta, em algum lugar. Fora isso, nada.

Sigo em direção ao fecho de luz que vem de uma pequena fresta de uma telha que rachou, alguns anos atrás, durante uma tempestade de Éter. Ando bem devagar e evito os lugares que fazem barulho. Perry e Liv estão dormindo dentro da casa, mas não estou sendo cauteloso por causa deles. Não teria problema se me ouvissem chegando, mas Vale, irmão deles, também está em casa — chegou de uma viagem ao norte há poucas horas —, e eu não quero correr o risco de acordá-lo.

Ajoelhado junto à fresta nas telhas, eu me curvo para espiar pela abertura. Fico piscando, enquanto meus olhos se adaptam à luz... e vejo um falcão de asas abertas. A tatuagem nas costas de Perry. Ele está esparramado, deitado de bruços

no jirau, logo abaixo de mim. Tento procurar a Liv, sabendo que, se o Perry está aqui, ela deve estar encolhida diante da lareira, mas não consigo ver direito deste ângulo. Só há um meio de vê-la esta noite.

Coloco a boca na fresta e elevo a voz só um pouquinho.

— Perry! Acorde! — Ele nem se mexe, então, eu tento um pouquinho mais alto.
— Acorde, seu tolo!

Perry vira de barriga para cima e começa a roncar.

Há um ditado que alerta sobre os perigos de acordar gigantes adormecidos. Eu deveria dar ouvidos à sabedoria popular, mas quero ver Liv, desesperadamente. Tiro o jarro de Luster do cinto e puxo a rolha, abafando o som com as mãos. É uma pena desperdiçar a bebida, mas não vejo nenhuma alternativa — e isso pode ser divertido. Levo o jarro até a fresta e despejo a bebida.

Ouçó uma batida seca, quando o teto balança sob meus pés. A luz amarelada, vinda lá debaixo, some quando três dedos surgem na fresta. Dedos raivosos, cheios de instintos assassinos. Depois de um instante, eles são substituídos por um olho verde que brilha como um olho de gato — agora, sim, a comparação com um gato é adequada.

Perry balbucia alguns palavrões e depois pergunta:

— O que há de errado com você? — A voz dele sai abafada, mas eu o ouço perfeitamente.

— Pegue a Liv e me encontre na trilha nordeste — digo.

O olho de gato se move para a esquerda e para a direita, enquanto Perry balança a cabeça.

— Não. Na trilha da praia. Alguém despejou Luster em mim e eu tenho que me lavar.

— Certo. Na trilha da praia, em cinco minutos. Não demore muito.

Desta vez, só um dedo aparece. O gesto obsceno me faz sorrir.

Eu tampo novamente o Luster e desço do telhado. Tem mais uma coisa que preciso providenciar, antes de encontrar Perry e Liv. Atravesso novamente a clareira, guiado pela luz do Éter, as moradas rústicas da aldeia dos Marés à minha volta.

Na casa de Brooke, bato levemente à porta.

Alguns momentos depois, ela a abre e sorri.

— Na caverna? — sussurra ela.

Brooke é a melhor amiga de Liv, e, durante o último ano, ela e Perry têm ficado juntos. Sendo que, metade desse tempo, o Perry vem tentando terminar com ela. Ele, provavelmente, vai ficar irritado comigo por chamá-la, mas e daí? Eu gosto das coisas como estão.

Eu balanço e cabeça e ergo o jarro de Luster.

— Você vem? — pergunto, embora eu já saiba que ela virá. Brooke está sempre disposta a qualquer coisa se Perry estiver envolvido.

— Vou pegar meu arco. — Ela some dentro da casa.

Contemplo a aldeia, enquanto espero. Quando está quieto assim, é fácil lembrar o dia em que cheguei com a minha avó, doze anos atrás. Eu nem tinha completado sete anos ainda. A vovó e eu chegamos numa noite de primavera como esta. Fazia semanas que estávamos viajando e as solas de nossos sapatos estavam gastas. Vovó bateu à primeira porta que viu, e quando o pai de Perry a abriu, eu me lembro de ter pensado que ele era o maior homem que eu já tinha visto. Ele nos convidou a entrar e mandou que nos servissem pão e sopa de erva-doce. Enquanto nós comíamos, três crianças nos observavam do jirau acima, mas era da menina que eu não conseguia tirar os olhos.

No dia seguinte, nos foi dado um quarto atrás da casa de Bear e Molly, que era, na verdade, um barracão de armazenagem, com paredes de madeira que estalavam durante os meses de chuva ao se dilatarem. Agora, meus olhos desviam-se para a casa deles. A vovó se foi e as paredes pararam de estalar há alguns anos, mas eu ainda durmo lá.

Brooke volta com o arco e a aljava sobre o ombro, e nós seguimos rumo à saída da aldeia, sem darmos uma palavra. A caverna ao nordeste, para onde estamos indo, fica a uma hora de distância. Ainda fica dentro do território dos Marés, mas é sempre um risco viajar tão longe — principalmente, à noite — e ser atacado pelos dispersos. O perigo faz parte da diversão, é claro.

Quando nos aproximamos da trilha da praia, eu avisto duas silhuetas altas de cabelos claros ao longe e fecho a cara. Fico um pouco irritado por não conseguir distinguir meu melhor amigo da minha namorada, desta distância. Mas uma das silhuetas dispara pela trilha de areia e pula em meus braços e eu estou quase certo de que é Liv e não Perry.

— Será que você não consegue ficar longe de mim nem por algumas horas? — sussurra Liv em meu ouvido.

Puxo-a mais para perto. Sentir o corpo dela assim contra o meu faz meu coração parar.

— É óbvio que não.

— Nem eu. — Ela planta um beijo em meu rosto e sai correndo, antes que eu possa beijá-la, e me deixa sorrindo na escuridão.

Nós seguimos caminhando pela trilha da praia, rumo ao mar. Quando chegamos perto da água, Perry mergulha nas ondas escuras, enquanto Liv, Brooke e eu esperamos na beira.

Passo o braço em volta dos ombros de Liv.

— Ele está exagerando um pouco, não? Eu não derrubei tanta bebida nele assim.

Liv dá uma batidinha de leve no próprio nariz.

— Foi o suficiente — diz ela e eu entendo. Assim como Liv, Perry é um Olfativo e tem o olfato tão apurado quanto minha audição. O que o incomodava não era estar molhado ou pegajoso, era o cheiro adocicado do Luster.

Quando ele termina de nadar, nós seguimos pela trilha nordeste que irá nos levar até a caverna. O Éter faz uma dança lenta acima de nós, fluindo em véus, provendo luz suficiente para evitar que tropeçemos na escuridão. Mesmo assim, Perry vai na frente, por conta de sua visão noturna. Porque Perry está à frente, Brooke está à frente.

— Então? — pergunto à Liv, quando nossa passada adota um ritmo tranquilo. Seus cabelos louros compridos brilham na escuridão, e o perfil de seu nariz está pintado de azul pela luz do Éter. — Como estava ele?

Ele é Vale, irmão mais velho de Liv e Perry. Ele também é o cretino que lidera os Marés, como Soberano de Sangue, e que jamais aprovou meu relacionamento com Liv.

— Ele está bem. Estava cansado da viagem. Deu pra notar que estava ansioso pra chegar em casa. — Vale chegou logo depois do jantar. Ao longo do último mês, ele ficou fora, negociando com Sable, o Soberano de Sangue do norte, líder da tribo dos Galhadas. A situação do estoque de comida dos Marés está ficando desesperadora. Ao longo dos últimos invernos, as tempestades de Éter têm sido brutais, destruindo grandes extensões de terras cultiváveis, por isso nossa safra nunca foi tão baixa. Vale nos disse que, quando regressasse, depois de se encontrar

com Sable, ele teria soluções. Prometeu-nos que não passaríamos fome.

— Ele ficou contente quando viu Mila e Talon — continua Liv. Tanto a esposa, quanto o filho de Vale estão doentes. Tem sido difícil para Perry e Liv, e eu nem consigo imaginar como Vale deve se sentir. Tento não pensar nisso. Prefiro não desperdiçar minha compaixão com ele.

Liv chuta uma pedra. Ouço-a quicar pela trilha de terra.

— Acho que ele ficou aliviado ao ver que eles estão bem. Quer dizer... tão bem quanto pode se esperar. Ele passou boa parte da noite contando ao Talon sobre suas viagens pela Encosta Ranger. Disse que foi a jornada mais difícil que já fez. Que não sabia o que era frio até o mês passado.

Balanço a cabeça, assentindo. A Encosta é conhecida por seus ventos severos e seus montes gélidos.

— Mais alguma coisa? — pergunto. Como todo mundo, eu quero saber que soluções Vale arranhou.

Liv fica quieta por tanto tempo que eu começo a me perguntar se ela me ouviu. Ela, então, olha para mim.

— Ele me pediu para ir caçar com ele pela manhã.

Meus joelhos travam.

— Pediu?

Liv se vira, quando percebe que eu parei. Ela assente.

— Perry também estava lá, mas Vale foi claro. Ele quer que eu vá sozinha com ele.

— Ih.

— É — concorda Liv. — Ih.

Conforme retomamos nossa caminhada, não consigo parar de pensar o quanto esse pedido (ordem?) foi estranho. Vale raramente sai para caçar. Geralmente, ele está ocupado demais cuidando de suas atribuições como Soberano de Sangue. Quando caça, ele raramente inclui Perry ou Liv. Meu palpite é que ele não gosta de competição e quer ser o único Olfativo por perto.

Hoje em dia, há pouco afeto entre os irmãos, mas nem sempre foi assim. Quando o pai deles era Soberano de Sangue, eles eram próximos. Todos nós sabíamos o que acontecia com Perry, na casa deles, quando Jodan bebia, e eu acho que o pavor daquelas noites mantinha os três unidos. Ainda me lembro de Liv e Vale sentados, um de cada lado de Perry, no refeitório, colados a ele como se

fossem escudos humanos, depois que ele havia levado uma surra. Mas, quando Vale se tornou Soberano de Sangue, depois que Jodan morreu, as coisas mudaram. Agora, Vale mantém Liv e Perry a distância. No dia em que colocou o cordão de Soberano de Sangue no pescoço, ele passou a ser primeiro o soberano e, depois, o irmão deles.

A voz de Liv me puxa de meus pensamentos.

— O que você acha que ele quer?

— Talvez, ele só queira caçar — é o que respondo, mas nós dois sabemos que isso não é verdade.

Vale sempre tem motivos ocultos.

Depois de uma hora, a trilha nos conduz a um costão diante de uma pequena enseada. Perry e Brooke já desceram até a praia. Vejo os lampejos de faíscas, abaixo; uma lâmina batendo em uma pedra. Perry está acendendo uma fogueira.

Liv e eu descemos pelo declive, algo que já fizemos cem vezes. Quando ouço seu pé escorregar na terra solta, atrás de mim, ofereço-lhe minha mão.

— Aqui, amor.

— Estou bem.

— Que bom para você, mas eu não estou. Estou com medo. Segure a minha mão?

Ela finge que acredita em mim — eu nunca escorrego ou tropeço —, mas consigo o que quero: a mão dela na minha. Uma desculpa para sentir um pouquinho de sua força, enquanto seguimos nosso caminho encosta abaixo. E uma janela para seus pensamentos.

Seguimos um pouco mais, antes que eu a ouça.

Ainda está com medo ou está se sentindo melhor agora?

A voz dela é clara em minha mente. Tão clara quanto se ela tivesse falado em meu ouvido. Não conheço nenhum outro Audi que consiga ouvir as pessoas através do contato. Assim como a visão noturna de Perry, meu Sentido veio num tom diferente do habitual.

— Aterrorizado — respondo. — Talvez eu precise que você me abrace quando a gente chegar lá embaixo.

Liv puxa a mão se soltando e me empurra devagarzinho.

— Então, trate de andar mais depressa.

Quando nossos pés finalmente pisam na areia, a fogueira que Perry acendeu já está alta. Ele está sentado diante das chamas dançantes com Brooke aninhada ao seu lado. A mão dela está pousada sobre a coxa dele. Ele está com o braço ao redor da cintura dela. Eles provavelmente não vão terminar o namoro esta noite.

Quando Perry não está mais por perto, Brooke pergunta à Liv e a mim por que ele não gosta dela tanto quanto ela dele.

— Por que sou sempre *eu* correndo atrás dele? O que mais ele poderia querer? — questiona ela, apontando para si mesma. Autoconfiança nunca foi um problema para Brooke.

Perry jamais correrá atrás dela, mas não respondo isso. Digo que ele apenas precisa de um tempo e que ela deve continuar tentando seduzi-lo. Sou ou não sou um bom amigo para o Perry?

Sento-me do lado oposto da fogueira e Liv senta entre as minhas pernas, recostando-se em meu peito. Nós aperfeiçoamos essa posição. Adoro como suas pernas compridas ficam lindas estendidas à minha frente. O topo de sua cabeça está a apenas alguns centímetros dos meus lábios. Dou um beijo ali, depois tomo um gole de Luster. A bebida desce como brasa líquida, espalhando o calor em meu estômago e no restante do meu corpo. Passo o jarro para Liv e me inclino para trás, apoiando-me em minhas mãos.

Brooke e Liv conversam sobre algo que Talon disse mais cedo. Ele está caidinho de amores por Willow, que, com treze anos, tem quase o dobro de sua idade, já que ele tem sete. Perry sorri, como sempre faz quando o assunto passa a ser seu sobrinho. Eu saboreio o gosto de mel condimentado em meus lábios, mudando o foco para o som das vozes, enquanto a bebida me envolve num torpor suave. Respiro fundo, sentindo o peso de Liv junto ao meu peito, inalando o sal, a água e o fogo no ar. Depois de um tempinho, ouço o que eu vinha esperando a noite toda. A risada rouca e pura de Liv, o melhor som do mundo. Fecho os olhos e saboreio o momento.

Isso era o que eu queria esta noite. Um tempo longe da tribo com Liv e Perry e, até mesmo, com Brooke. Sem responsabilidades e coisas a fazer, apenas *estar*. Mas acabou não sendo como eu esperava. Eu tinha tudo que eu queria, bem ali, mas não conseguia afastar a sensação de ansiedade. Por que o Vale quer falar a sós com a Liv? E por que imediatamente depois do regresso dele do norte?

Algum tempo depois, Perry se levanta.

— Vamos deixar esses dois sozinhos — sugere ele, ajudando Brooke a se levantar.

Sei. Tenho certeza de que é exatamente isso o que o está motivando. Eles seguem sozinhos, adentrando a escuridão, rumo à caverna na praia.

Decididamente, eles não vão terminar hoje.

Depois que eles partem, Liv se vira em meus braços.

— Acho que estamos sozinhos — diz ela, com uma cara de inocente, que de inocente não tem nada.

— É... acho que estamos. — Deslizo a mão por seu queixo e levo meus lábios até os dela. Sua pele é morna e ela está com gosto de Luster. De alguma forma, tem uma pitada de areia em nosso beijo. Com Liv, tem sempre algo inesperado, mas não na forma como ela me faz sentir. Isso nunca muda. Um beijo e fico faminto, louco por mais dela, mas ela me surpreende se afastando. Inclinando-se para trás, ela me observa estreitando os olhos.

— O que foi, Liv? — Minhas mãos estão em seu quadril. Deslizo as mãos até suas costas, para conseguir pensar com clareza. Com alguma clareza. Quem eu estou tentando enganar? Para ter a chance de manter, pelo menos, um pensamento coerente na minha cabeça.

À luz da fogueira, os cílios de Liv parecem fios de ouro. Seu olhar desvia do meu olho esquerdo para o direito e de volta para o esquerdo, como se ela procurasse por aquele que vai abrir minha alma. A verdade é que nenhum dos dois fará isso.

— Eu não deveria ter dito nada — diz ela.

Sacudo a cabeça.

— Não diga isso. É claro que deveria. — Como Olfativa, Liv consegue farejar meu temperamento. Ela identifica meus humores, independentemente do que eu faça. Não consigo protegê-la de minha preocupação. — Não esconda as coisas de mim. Você sempre sabe como me sinto e eu quero o mesmo com você. Nada de segredos... está bem?

Liv assente. Ela encara a escuridão, franzindo as sobrancelhas, pensativa.

— Acha que tem alguma coisa a ver com a gente? — pergunta ela, depois de um momento.

— Sim.

— Acha?

Encolho os ombros.

— Você é parte de mim, Olivia. Qualquer coisa que a envolva sempre tem a ver com a gente.

Os lábios de Liv se curvam num sorriso. Ela passa o polegar em meu lábio inferior. Talvez a areia tenha vindo de mim, será? Não sei e, do jeito que ela está me olhando, tudo que consigo fazer é me esforçar para manter minha respiração estável.

— Gosto quando você me chama de *amor* — provoca ela.

— O quê? Eu nunca a chamei assim. — Mentira. Faço isso o tempo todo. — Ah, você quer dizer agora há pouco? Eu disse “Liv”. Você é que tem uma péssima audição.

Ela me dá um soco nas costelas.

— Ai!

— O que disse? Não consegui ouvir. — Ela crava novamente os dedos no lado do meu corpo.

— É guerra, é? Foi você quem pediu! — Eu me contorço recuando, puxando-a comigo, e começa a batalha. Nós rolamos um por cima do outro, girando, nos enroscando, embolados na areia, até que minhas mãos encontram as mãos dela e meus lábios encontram os dela, então, desaceleramos. Cada vez mais devagar, até nos mexermos juntos, como um só.

CAPÍTULO 2

— Sobre o que você acha que eles estão falando? — pergunto, ao me virar de volta para Perry.

Estamos de sentinela, no posto do lado leste. Nosso local de observação fica sob a sombra de um carvalho, no alto de um morrinho. A manhã quente de primavera deu lugar a uma tarde quente. Eu acabei fazendo uma pequena trilha de grama pisada, em volta da árvore onde Perry está sentado. Meu olhar se volta para a mata ao sul. Liv e Vale estão lá em algum lugar.

Perry tira um fiapo de capim da boca.

— É a vigésima vez que me pergunta isso.

— É mesmo? Sinto muito, eu não sabia. Devo parar?

— Não se a sua intenção for me deixar maluco. — Perry prende o capim no meio dos dentes e abre um sorriso. — Já está quase conseguindo.

— Ajudaria se você dissesse alguma coisa além de “eu não sei”. Diga algo, Per. Qualquer coisa. Por exemplo, o que acha que eles estão falando neste exato momento? — digo, apontando para o chão.

— Neste exato momento?

— Sim. Neste exato momento.

Perry examina atentamente as colinas verdes do sul.

— Acho que falta um segundo para que um deles diga alguma coisa. Talvez estejam tirando um segundo para pensar. Talvez estejam respirando... espero que estejam respirando.

Eu ergo as mãos.

— Deixa pra lá. — Volto a andar em círculos ao redor do carvalho, até que meus pensamentos transbordam novamente. — Mas talvez ele não vá fazer o que todos nós achamos que ele vai fazer.

Franzo a testa, ao notar que agora Perry está com uma pena na boca. Estou

prestes a perguntar por que tantas coisas estão indo parar na boca dele, quando vejo que ele está substituindo uma pena em uma de suas flechas. Ele tira a pena dos lábios e a prende na haste de madeira.

— Vou precisar de mais do que isso, Roar. Quem não está fazendo o que todos nós achamos que está fazendo?

— Seu irmão! — exclamo. — As pessoas estão imaginando que tipo de acordo ele fez com os Galhadas. Bear e Molly acham que ele está vendendo parte do território em troca de comida. E eu até ouvi alguns boatos de que ele foi jurar os Marés a Sable, mas é tudo palpíte. — Dou um passo me aproximando dele. — E se o plano de Vale for algo totalmente diferente? Algo que ninguém tenha pensado?

Perry leva a flecha à altura dos olhos e inspeciona a pluma de ganso que acabou de encaixar no lugar.

— É possível. Ele foi bem vago sobre o que pretendia fazer, antes de partir.

— Exatamente! E é bem o estilo dele fazer algo surpreendente. Algo dissimulado.

Perry me olha de cara feia.

— Não foi isso que eu disse.

— Mas isso passou por sua cabeça. Ele é malicioso, Perry. E um hipócrita, também. Casou-se com Mila, que é uma Vidente, mas tem problema por eu e Liv estarmos juntos, porque eu não sou um Olfativo? Como ele pode fazer isso? Isso deveria ser escolha nossa, não dele. Tradições são para os fracos de coração. Você vai se recusar a ficar com alguém que não seja uma Olfativa?

Perry joga as penas restantes em sua sacola de couro.

— Vou esquecer que você disse essas coisas sobre meu irmão — esbraveja ele, sem olhar para mim —, e não vou perder meu tempo discutindo uma coisa que está a anos de acontecer comigo, se é que vai acontecer.

Não faço ideia de que tipo de resposta é essa.

— Você está dizendo que se recusaria?

Perry ergue os olhos, desviando de mim para a colina abaixo. Ele se levanta num pulo e pendura o arco no ombro. Estou vendo o que ele avistou. Nossos substitutos, Collins e Wylan, que estão caminhando morro acima. Nossa vigília terminou.

— Vamos indo. A essa altura, Vale e Liv já devem estar de volta — diz ele, com a voz falhada. Perry desce a colina apressado, de arco em punho, os pés atravessando

rapidamente o capim baixo.

Somente agora, neste exato momento, é que eu percebo que ele também está ansioso.

Conforme Perry e eu nos aproximamos da margem leste da aldeia, eu ouço um som que gela meu sangue.

Liv está berrando.

Saio em disparada, atravessando a clareira rumo à casa dela, deixando Perry para trás, e entro porta adentro, passando direto por Mila, que está levando Talon para fora. A silhueta larga de Vale preenche a pequena sala. Seus cabelos escuros estão puxados para trás, presos por uma tira de couro, realçando os traços fortes de seu perfil. Com seu tom de pele, o corpo musculoso e, principalmente, o pesado cordão de Soberano de Sangue, ele se parece demais com o pai.

Liv está perto da lareira. O mais distante que pode ficar de Vale. Ela se vira para mim, e seus cabelos louros chicoteiam seu rosto. Ela está ofegante e seus olhos faíscam de ódio. Eu jamais a vi assim tão furiosa. Isso me deixa sem reação.

Vale me vê e contrai os lábios.

— Saia — ordena ele, apontando para a porta. — Isso não tem nada a ver com você.

— Como pode dizer isso? — esbraveja Liv. A voz dela está rouca de tanto gritar. — Você *sabe* que tem!

— Pela última vez, Olivia, eu não vou tolerar esse tom de voz.

— Você não é meu pai, Vale!

— Mas *sou* seu Soberano de Sangue. Baixe sua voz ou vai se arrepender.

Não consigo compreender o que está acontecendo. Geralmente, Vale e Perry são os que se estranham assim. Normalmente, Liv é a que tenta acalmar os ânimos dos dois.

— Agora você vai me dizer como *falar* também? Pois você não pode mais! Você me deu para outra pessoa. Perdeu esse direito quando me vendeu!

— O quê? — É tudo que digo, ainda assim, minha voz sai falhada.

Liv vira-se para mim.

— Ele quer que eu me case com um dos Galhadas. Ele me vendeu para eles! Conte para ele, Vale. Conte o que você fez.

— Eu não *quero* que você faça isso, Olivia. Eu preciso que você faça.

O som estilhaça como um espelho se despedaçando. Vale ainda está falando, mas eu não estou mais ouvindo. Ouço as palavras de Liv em fragmentos.

Casar

Galhadas

Me vendeu

Minhas mãos estão tremendo. Eu fecho os punhos. Minha mente não está raciocinando com velocidade suficiente. Não consigo acreditar no que acabei de ouvir. Não faz sentido algum. Quando percebo, já estou aos berros também.

— Não! Você não pode fazer isso!

— Tire ele daqui! — ordena Vale a Perry, que está em pé na soleira da porta.

O timbre de sua voz é impaciente, irritado, como se eu fosse um estorvo, um cão vira-lata que entrou na casa dele... e isso me faz perder o controle.

Eu avanço para cima de Vale, lançando um golpe.

Sou mais veloz do que qualquer um dos Marés, mas ele está preparado para mim e se esquivava. Meu punho atinge sua boca apenas de raspão. Vale devolve meu soco com um golpe atrás de minha cabeça, acertando atrás da minha orelha direita. Minha visão fica escura. Despenco para a frente e meus cotovelos batem no piso de madeira. O pé de Vale — deve ser o pé dele — pressiona minhas costas, me colocando de peito no chão.

Meu ouvido direito ecoa, um som que me aturde, me destrói completamente. Pisco com força. A sala parece estar de lado, mas a imagem está embaçada e balançando, não estabiliza. Ouço Perry xingar atrás de mim. Meus dentes estão cerrados quando ele me põe de pé, depois me puxa na direção da porta. A sala continua torta; o golpe de Vale me tirou o equilíbrio. Sigo cambaleando atrás de Perry, me esforçando para me manter de pé. Nós nos esprememos para passar pela porta, com nossos ombros se esbarrando, e saímos.

— Seu idiota! — xinga Perry, baixinho. Ele ainda está me segurando, ainda bem. Se ele me soltar, eu sei que vou beijar o chão novamente.

Está anoitecendo e quase todos estão ali, reunidos em grupos ao redor da clareira, olhando para nós, boquiabertos. Em breve, será a hora do jantar, mas não é por isso que a tribo está circulando por aqui. Não mais.

— Onde está Liv? — pergunto, olhando por cima do meu ombro. Não a vejo atrás de mim.

— Cale a boca e ande! — As palavras de Perry são praticamente um rosnado.

Chegamos até a metade do caminho do portão leste, quando alguém grita atrás de nós. É um tom profundo de comando, afiado como um chicote.

— Peregrine, *pare!*

CAPÍTULO 3

— Trate de ficar com a boca *fechada* — ordena Perry, com os dentes cerrados. Ele solta meu braço e se vira para Vale, que cria uma comoção ao abrir caminho em meio à aglomeração.

— Deixa ele esfriar a cabeça, Vale — diz Perry. — Deixa ele dar umas voltas.

Sem chance. O lábio de Vale está cortado. O sangue escorre e pinga do queixo, manchando sua camisa clara. Eu não o acertei em cheio, mas mesmo um soco de leve pode rasgar a pele quando bate contra os dentes.

Quando vejo o sangue, é que me dou conta do que fiz. Eu poderia acertar qualquer um da tribo e a punição seria trabalho extra. Talvez um dia sem comida. Mas Vale é nosso Soberano de Sangue. Eu desafiei diretamente a sua autoridade. O que fiz pode me levar a ser expulso da tribo... ou pior. Com certeza, isso vai me render uma boa surra.

— Deixa ele fora disso, Vale! — É a Liv. Ela vem correndo na nossa direção, o cabo de sua meia espada visível acima de seu ombro.

Vale abre um sorriso debochado, ao vê-la.

— Você precisa se decidir, Olivia. Uma hora, você me diz que ele está envolvido, depois, diz que não.

Liv responde sacando a arma de suas costas num movimento veloz.

Há uma onda de movimentação. Chiados chegam aos meus ouvidos, vindos do outro lado da clareira, conforme as espadas são sacadas. Os guerreiros dos Marés juraram proteger Vale a todo custo. Eu sou um deles. Eu mesmo jurei fazer isso.

O que foi que comecei? Subitamente, tudo parece fora de controle.

Vale ergue a mão.

— Parem — diz ele, irritado. — Guardem suas armas. À minha volta, facas e espadas abaixam-se e somem da vista.

Satisfeito por ter a tribo sob controle, Vale leva dois dedos até o queixo, depois

os ergue. O sangue em seus dedos é vermelho vivo, mesmo sob a luz do sol poente.

— Apenas para deixar claro — ressalta ele, olhando para mim —, agora, você está envolvido.

Ele se aproxima e o som das botas sobre as pedrinhas chega aos meus ouvidos, embora o zunido ainda não tenha passado. Vale se aproxima o suficiente para que eu veja o verde-escuro de seus olhos. Perto o bastante para que eu veja Perry e Liv em seu nariz forte e na leve inclinação de sua cabeça. Pela forma como ele me olha, como se observasse o calor emanando de uma fogueira.

— Por saber o quanto você é importante para meu irmão e minha irmã — diz ele, calmamente —, eu vou lhe dar uma escolha que normalmente não daria a ninguém. Partir? — Ele muda o peso do corpo, inclinando a cabeça para o outro lado. — Ou ficar e pagar o preço?

Banimento ou punição. É uma escolha fácil.

— Eu fico — respondo.

As sobranceiras de Vale se erguem.

— Você pode se arrepender disso. — Ele olha para o Perry, que ainda está ao meu lado. — Segure-o, Peregrine. E mantenha-o parado, a menos que queira tomar o lugar dele.

Os pelos dos meus braços se eriçam. Parece um comentário casual, mas não é. Nada é coincidência com Vale. Ele calcula tudo.

— Não, Perry! — Não vou deixar que ele receba minha punição. Paro na frente dele, mas ele me empurra.

— Já que você me deu essa opção — desafia ele —, vou tomar o lugar dele.

Os olhos de Vale se arregalam, mas seu ar de surpresa é falso. Ele sacode a cabeça, como se estivesse decepcionado, mas conseguiu exatamente o que queria.

— Se é isso que quer.

— É o que eu quero — diz Perry, imóvel. — E vou tentar não revidar.

Um murmúrio percorre a multidão. Perry provocou Vale diante de todos. Agora não tem volta.

Sigo até o lado de Liv e sussurro um pedido de desculpas. Sei que não é o suficiente, mas não há nada que eu possa fazer. Isso não tem mais a ver comigo e com Liv. Não sei como se tornou uma batalha entre Perry e Vale, mas tudo parece terminar desse jeito por aqui.

Perry e Vale.

Liv não responde. Ela nem olha para mim. Seus olhos estão fixos em seus irmãos. Brooke surge do outro lado e me lança um olhar fulminante.

Eu desvio o olhar e observo as pessoas à nossa volta, encontrando Bear e Molly, Gray e o Velho Will. Sei o que eles estão pensando. Estamos todos lembrando as manchas roxas no rosto de Perry. Em seus braços e nas costas. Somente os mais jovens da tribo escaparam dessas lembranças — os que são jovens demais para terem conhecido Jodan. O restante de nós carrega a culpa daquelas surras por dentro. Temíamos o pai de Perry. Nunca fizemos nada para detê-lo. E aqui estamos nós. Novamente na mesma posição.

Uma pequena silhueta dispara na nossa direção, vindo da multidão. Talon olha para o pai e depois para Perry.

— O que aconteceu? O que você está fazendo, pai?

Surge um lampejo de hesitação nos olhos de Vale.

— Vá pra casa, filho — ordena ele. Quando Talon não se mexe, Vale diz: — Mila, leve-o pra dentro.

Talon se esquivava dos braços da mãe.

— Não! Eu não quero ir!

— Talon — diz Perry —, está tudo bem. Vá lá pra dentro.

Quando Talon para e ouve Perry, Wylan o agarra pelo braço e o leva para longe. Por longos momentos, depois que já não consigo mais vê-lo, ouço Talon discutindo, com a voz elevada, chorando ao ser arrastado para casa.

Diante da batida da porta se fechando, Vale se aproxima de Perry. Eles ficam se olhando, olho no olho, ambos com mais de um metro e noventa de altura. Vale é sete anos mais velho. Essa diferença sempre foi significativa, porém, agora parece que os dois têm a mesma idade. Eles são tão diferentes — um sombrio, outro luminoso —, mas a expressão nos olhos de ambos é igual. Irredutível.

Esse é o desafio pelo qual todos nós esperávamos. Será, se Perry fizer o que ameaçou fazer e revidar.

Ele estende os braços.

— Estou pronto, Vale.

Vejo que ele está, mesmo, pronto. Perry me ensinou tudo que sei sobre luta. Vejo sua pose, os ombros soltos e ouço sua voz me dizendo:

— Dói menos, quando você está relaxado. — Vejo sua expressão ficar distante e o ouço dizer: — Jamais demonstre emoção. Isso só serve para estimular seu agressor

ainda mais. — Se existe alguém que sabe tomar um golpe, é o Perry. Ele nem vai piscar. Sei que não vai.

Talon está trancado dentro de casa, mas, mesmo através da argamassa e dos ladrilhos, a cem passos de distância, eu ainda posso ouvi-lo chorando. Do lado de fora, a tribo está em silêncio.

Preparada.

Vale dá um soco no estômago de Perry. Ele se move incrivelmente rápido para alguém de seu tamanho e é impiedoso, usando a potência total de sua força substancial.

O golpe é uma martelada. Eu sei porque Perry se curva e eu perco o ar, e Liv está tremendo ao meu lado. Eu sei porque Perry chega a arquejar, quando cruza os braços em volta da cintura e Vale está flexionando a mão, abrindo e fechando o punho. O golpe também o machucou, porém, nem de perto da forma como machucou Perry.

Quando Perry se endireita, seu rosto está vermelho. Seus olhos estão meio abertos e desfocados, como se ele estivesse em outro lugar, talvez, numa lembrança. Se estiver, eu não quero saber o que é.

— Isso foi pelo Roar — externa Vale. Ele fala baixinho, somente para que Perry ouça, mas eu escuto. Todos os Audis na clareira escutam. — Esse é só pra você, irmãozinho. Tente não revidar.

Ele dá outro soco em Perry, no mesmo lugar. Com mais força ainda.

Desta vez, Perry se curva e cai sobre um dos joelhos. Fico vendo quando ele abafa a tosse com o antebraço. Vejo seus ombros sacudindo, enquanto ele luta para se recobrar, apesar da dor que todos nós sabemos que ele está sentindo. Eu vejo isso com o olhar embaçado. Ele se recuperou rapidamente do primeiro golpe, mas, desta vez, não. A cada segundo que passa, o zunido em meus ouvidos fica mais alto. A cada segundo, eu fico mais perto de sacar a espada de Liv e partir para cima do Vale.

Liv fica tensa ao meu lado. Eu pego a mão dela, mantendo-a junto a mim. Nenhum de nós pode intervir agora. Perry precisa se erguer sozinho. Senão, Vale vence.

Perry finalmente se levanta, mas está curvado, sem conseguir se erguer inteiramente. Percebo que ele está desrespeitando uma de suas próprias lições: há ódio em seus olhos.

— Você terminou? — pergunta ele, com a voz hostil.

Vale não terminou. Eu sei que não. Mas Liv se solta de mim e enlaça o braço ao de Perry.

— Sim, ele terminou — diz ela, repreendendo Vale. — Você já trouxe bastante felicidade à nossa família hoje, não acha? — Então, ela olha para mim, enquanto sai levando Perry, me pedindo para segui-los.

Ela nem precisava pedir. Irei para qualquer lugar que eles forem.

Ninguém diz uma palavra durante a meia hora que levamos para chegar ao mar. Estou absorto, ouvindo a respiração do meu melhor amigo, que está ofegante por minha causa.

Eu deveria saber que Vale faria isso. Perry é um protetor voraz da Liv, do Talon e meu. Está sempre tentando proteger os Marés. Vale se aproveitou disso. Ele distorceu a situação para mostrar seu domínio sobre Perry; a principal ameaça ao seu poder como Soberano de Sangue. Ele até calculou os golpes que daria, batendo em Perry no estômago, para que o resultado dessa punição ficasse oculto da tribo. Amanhã, em vez de se lembrarem da brutalidade, os Marés se lembrarão da justiça.

Eu sei que ele planejou tudo isso. Agora está claro. Toda a estratégia que eu testemunhei.

Isso me dá nojo.

Quando deixamos a aldeia para trás e chegamos à areia firme, junto à água, Liv para. Está quase escuro e uma cama espessa de neblina vem chegando, vindo do mar. Avançando em nossa direção, serpenteando o ar como ondas.

— Deixa eu ver, Perry — pede Liv.

Passo a mão nos cabelos e puxo até doer meu couro cabeludo. Eu sei o rumo que isso está tomando. Há mais tortura por vir.

Perry balança a cabeça.

— Não foi nada.

— Mostre mesmo assim.

— Liv...

— Não interessa! Quero ver!

Detesto isso. Eles também faziam isso quando eram mais jovens. Liv sempre tinha que inspecioná-lo, depois. É como se ela própria quisesse sentir cada um dos

hematomas.

Perry murmura um punhado de palavrões. Liv cruza os braços e espera. Ela jamais recua. Com quase um metro e oitenta de altura, ela é apenas poucos centímetros mais baixa que ele, mas tão teimosa quanto. Em momentos como este, eu fico imaginando se eles não seriam gêmeos, nascidos com um ano de intervalo.

Perry balança a cabeça e finalmente cede. Ele vira o rosto para o lado, com a veia do pescoço estufada, os braços flexionados e tensos, e ergue a camisa. Já surgiu um hematoma em seu abdome — mesmo no crepúsculo, dá para ver —, mas a pior parte é a expressão em seu rosto. Cerro os dentes até meu maxilar doer, desejando que esse momento acabe. Vergonha não é um traço que combina com o Perry. É a última coisa que ele deveria sentir.

Depois de um instante, ele abaixa a camisa.

— Já tá bom, Liv. Estou bem — afirma ele, mas Liv ainda não se afasta. Sei que ela está tentando sentir seu temperamento, para ver se ele está *realmente* bem.

— Tem certeza? — insiste ela.

Perry assente.

— Tenho. — Ele parece exausto. A preocupação de Liv o extenuou. Violência não é a melhor maneira de dobrar Perry. Fico me perguntando se Vale sabe disso.

Liv recua, finalmente satisfeita. Ela olha para mim e eu não consigo mais ignorar como esta situação toda começou.

— O que foi que o Vale lhe disse, Liv?

— Não importa. Eu não vou fazer — responde ela, descartando o assunto. Ela caminha em minha direção. — Você perdeu a cabeça, Roar? Como pôde fazer aquilo?

— Eu preciso saber o que ele disse.

— Vale poderia ter mandado matar você! Já parou para pensar nisso?

— Olivia, conte para mim.

Ela empurra meu peito.

— Você já *pensou* alguma vez na vida?

Eu agarro seus punhos, prendendo-a junto a mim. Ela tenta se soltar, mas eu a seguro firme e olho em seus olhos. Quero que ela me diga que estou imaginando tudo. Que nada disso está realmente acontecendo.

— Por favor, Liv... preciso saber o que ele disse.

Solto suas mãos e ela dá um passo atrás. Ela olha para o Perry, depois para mim. Não reconheço a expressão em seu rosto.

— Ele me disse que fez um acordo. Sabe toda a comida de que precisamos? Vale me vendeu por ela. Eu devo me casar com Sable. — Seus lábios tremem ao se abrirem num sorriso sarcástico e ela novamente encara Perry. — Ele conseguiu um belo preço por mim. Comida suficiente para alimentar os Marés pelo próximo inverno. Pelo jeito, sou bem cara.

Ela tenta rir, mas o som que sai dela é agudo e forçado. Nem chega perto do som que eu conheço. Então, seus olhos se enchem de lágrimas e ela me dá as costas, e tudo dentro de mim se rompe. Cada músculo. Cada osso do meu corpo. Não consigo me mexer. E o zunido que tinha acabado de cessar em meus ouvidos é afogado pelo rugido do sangue.

Ela é *minha*. As palavras rugem em minha cabeça.

Liv é minha.

Devo tê-las dito em voz alta, porque os ombros de Liv sacodem e ela sai em disparada. Quando tento ir atrás dela, sou impedido por Perry, que está me dizendo algo. Há um intervalo que parece durar uma hora até que eu consiga assimilar as palavras dele.

— Deixa ela ir. Dá um tempo para ela, Roar. Ela quer ficar sozinha.

Fico olhando, enquanto ela desaparece na névoa. Liv foge quando se sente insegura. Assim como Perry, ela pensa quando está correndo. Sei disso, mas sinto um nó por dentro ao vê-la partir. Quero que ela precise de mim, neste momento. Ela não precisa. De alguma forma, eu a odeio e, ao mesmo tempo, a amo por isso.

Fico mirando o ponto onde ela sumiu por um tempo que mais parece uma eternidade. Então, olho para Perry.

— O que faço agora? — Minha cabeça está doendo por causa do soco de Vale.

Perry coça o queixo.

— Fique aqui — pede ele. — Eu já volto.

Pressionando a mão na barriga, ele segue correndo de volta à aldeia.

CAPÍTULO 4

Depois que Perry vai embora, eu olho à minha volta. A neblina chegou e eu não consigo enxergar mais que cem passos em direção alguma. O mar está mais agitado que ontem à noite, com as ondas batendo forte na praia. Imagino hematomas se espalhando pela areia e sacudo a cabeça, tentando afastar a imagem.

Tiro minha faca do cinto e giro a lâmina em volta do pulso, lançando-a para cima, rodando-a rápido com a mão, cada vez mais depressa, concentrando-me apenas nisso. No foco que preciso para fazer esses movimentos e continuar com meus dedos intactos.

Sem Perry e Liv, eu me sinto atordoado e não deveria. Eu deveria ser mais parecido com minha mãe, que não se importava com nada. Que trocava de homens, conforme as estações. Sempre havia alguém melhor, por quem valia a pena largar tudo. Um novo homem para eu chamar de “pai” por alguns meses, quando, na realidade, meu pai não era nada além de um caixeiro-viajante bêbado.

Rush. O nome dele ressoa em minha mente. Minha mãe dizia que ele era a coisa mais linda que ela já vira na vida, depois de mim. Foi isso que eu fui para ela: uma façanha em boa aparência. Um rosto que ela podia beliscar e beijar, depois mandar embora.

Liv só precisou de um dia para entender quem eu era. Menos que um dia. Na manhã seguinte ao dia em que a vovó e eu chegamos aos Marés, Liv e Perry foram atrás de mim na minha nova casa na choupana.

— Acho que você deve ser nosso amigo — disse Liv. Eu ainda nem sabia seu nome. Até aquele momento, ela era apenas a menina de cabelos dourados do jirau.

Quando perguntei o motivo, ela respondeu: — Porque você precisa da gente. Olhei para o Perry.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Tudo bem — respondi.

E ficou, mesmo, tudo bem.

Eu continuo manejando a faca e a lâmina corta meu dedo. Xingando, eu chupo o polegar, sentindo o gosto de cobre. Faz anos que não me corto.

— Primeira regra no manuseio de facas: elas cortam.

Ergo os olhos na direção da voz. Perry vem se aproximando, com uma garrafa de Luster numa das mãos.

— Achei que isso poderia ajudar. — Ele me entrega a garrafa e se senta. — Ela já voltou?

Tiro a rolha e dou um gole.

— Não. Ainda não. — Bebo de novo, sentindo o calor da bebida me invadir por dentro. Talvez eu e meu pai tenhamos mais em comum do que nossa aparência. — Não posso deixar isso acontecer, Perry. Temos que encontrar outro jeito. Precisamos fazer alguma coisa.

Perry assente.

— Eu vou falar com o Vale. — Ele olha para mim. — Mas duvido que haja alguma coisa que eu possa dizer que o faça mudar de ideia.

— Você pode fazê-lo mudar de ideia. Ele tem medo de você. Ele sabe que a tribo ficaria muito bem com você como Soberano de Sangue.

— A tribo não me quer como...

— Quer, *sim*.

— Tem muita gente que duvida que eu consiga...

— Pro inferno quem duvida.

Perry dá um sorrisinho para mim.

— Roar, se você me interromper mais uma vez, eu vou... — Ele coça a nuca e dá um suspiro. — Eu vou parar de falar.

— Os que duvidam não significam nada — digo a ele. — Duvido que vá chover amanhã, mas isso não significa que eu *controlo* a chuva. O que eu penso não tem qualquer influência nos fatos. Você daria um ótimo Soberano de Sangue. Melhor que o Vale. Melhor que seu pai. — Dou outra golada e passo a garrafa para ele. — Os sábios fazem perguntas, Perry. Os fracos duvidam.

Ele me dá um sorriso meio desanimado.

— Onde você ouviu isso?

— Acabei de pensar nisso. Está vendo? Estou certo.

Nós caímos em silêncio e eu sei que é por minha causa. Fui eu que toquei no nome do pai dele. A garrafa vai ficando mais leve, conforme passamos de um para o outro. O calor da bebida vai me recompondo. Quando Perry recosta sobre os cotovelos, eu o vejo, pelo canto do olho, se retrair de dor. Se fosse eu quem tivesse recebido os socos de Vale, provavelmente ainda estaria no chão. Sem dúvida, eu passaria uma semana urinando sangue.

Não sei bem como ele se interpôs entre mim e Vale. Por que teve de confrontar Vale em meu nome, ou de Liv, ou de qualquer outra pessoa da tribo. Quando é algo importante, quando é uma situação difícil, Perry está sempre sendo arrastado para o olho do furacão.

Examino meu polegar, vendo a linha escura do corte, num lugar que já era calejado. Fico imaginando se é a mesma coisa com ele, que já passou por tanta coisa — tanto com o pai, quanto com Vale —, que o vemos como alguém calejado. Que, para alguém como ele, tomar um golpe é mais fácil, porque ele é mais durão do que o restante de nós. Talvez seja verdade. Talvez ele seja mais durão mesmo. Mas quando um corte é mais profundo dá para ver que ele é apenas de carne e osso.

— Obrigado pelo que fez mais cedo — digo, rompendo nosso silêncio. Na verdade, eu queria pedir desculpas, mas a palavra parece não querer sair.

— Claro, Ro. Às ordens. — Seu tom é casual, mas eu sei que ele está falando sério. — Eu vou falar com o Vale amanhã. Você sabe que farei tudo que puder.

Sacudo a cabeça, assentindo. O que sei é que ele *precisa* fazer tudo que puder. Vale jamais me daria ouvidos, principalmente, depois desta noite. E Liv não pode se casar com outra pessoa. Isso não pode acontecer.

— Nosso destino é nos tornarmos irmãos um dia, Per. Irmão de verdade... *família*. — Não sei o que estou dizendo. A bebida está falando por mim. Mas não posso retirar minhas palavras.

Perry olha fixamente para mim.

— O que acha que nós somos?

Eu viro o rosto para o mar e fico olhando a água. Observo as ondas até passar o aperto que sinto na garganta e finalmente volto a respirar normalmente. Ele está certo. Somos uma família. Não estou apavorado com o que posso perder no futuro. Estou com medo de perder o que já tenho.

Ao meu lado, ouço o barulho da garrafa, quando Perry dá um gole. Vários

minutos se passam, antes que ele volte a falar. E quando o faz, ele fala tão baixinho que eu sei que as palavras não são realmente para mim.

— Você é melhor que um irmão — desabafa ele.

Depois de uma hora, ou duas, ou quatro, Liv se aproxima. Minha cabeça parece melhor e o zunido sumiu do meu ouvido, mas meus olhos parecem não estar funcionando, pois não consigo olhar diretamente para ela.

Perry se levanta.

— Caso você esteja mesmo na dúvida, amanhã vai chover. — Ele dá uma batidinha no nariz, como fez Liv na noite anterior. — Se algum dia você quiser saber, é só perguntar.

Ele olha para Liv, observando-a, por um longo momento.

— Vejo você em casa?

Liv assente.

— Vejo você em casa.

Perry segue na direção sul, beirando a praia, que não é o caminho de casa. Fico me perguntando se ele vai passar a noite sozinho, pensando em todas as maneiras que poderia ter revidado contra o Vale. Não, eu não fico *me perguntando*. Tenho certeza de que é isso que ele fará.

Liv senta ao meu lado e pega a garrafa.

— Vocês não guardaram nem uma gota pra mim? — reclama ela, ao perceber que está vazia.

— Eu não sabia se você voltaria.

Ela gira a cabeça para mim.

— O quê?

— Achei que estivesse tão ávida para conhecer seu futuro marido que já tivesse ido embora.

— Para, Roar.

Eu não paro.

— Por que perder tempo com Luster? Sable é rico. Ele lhe dará tudo do bom e do melhor. Os melhores vinhos.

Não sei o que há de errado comigo. Ela está sofrendo. Por que estou fazendo com que ela sofra ainda mais? Eu me forço a calar a boca e pressiono o dedo no corte do polegar, até doer. É uma dor tão pequena. Tão suportável.

— Isso não é o que eu quero, Roar. Você sabe disso.

Sei? Eu sempre imaginei que meu futuro seria com ela. Achei que ela também quisesse a mesma coisa, mas agora percebo que não tenho certeza. Não sei o que ela quer. Nunca falamos sobre isso. Nunca precisamos.

Eu olho no fundo dos olhos dela.

— E o que *você* quer?

Ela retrai as costas.

— Como pode me perguntar uma coisa dessas?

— É fácil. Farei de novo. O que *você* quer, Olivia? — Minha voz soa agressiva, mais exigente do que eu pretendia.

Liv subitamente se levanta.

— Eu quero fazer minhas próprias escolhas! Quero que a minha vida volte a ser minha! Quero que meu irmão se importe com o que eu quero. Quero um jeito de sair dessa situação!

Num instante, eu me levanto e a abraço.

— Desculpe, Liv. Me desculpe. — Dou um beijo em sua testa, seu rosto, seu nariz e de novo na testa. Há uma pressão em meus pulmões. Ela não respondeu à pergunta como eu queria, mas estou impotente diante de sua dor. — Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Deslizo as mãos pelas costas dela, tentando aliviar a tensão. Ela, aos poucos, vai relaxando. Aos poucos, ela vira a cabeça e a pousa em meu ombro. Então, eu sinto seus dedos enlaçarem meu cinto, na altura da minha lombar, onde ela gosta de pendurar as mãos quando eu a abraço, e eu sei que está tudo bem entre nós. Sei que não estamos mais chateados um com o outro. As ondas estouram e nós ficamos ali. O peso dela recostado junto ao meu. O meu, junto ao dela.

Ficamos um bom tempo assim, antes que ela volte a falar: — Eu estou com medo, Roar. Detesto sentir medo.

— Ei. — Eu ergo o queixo dela para poder olhar em seus olhos. — Vai ficar tudo bem.

— Como eu poderia deixar você?

Eu engulo em seco e balanço a cabeça. Não consigo nem ouvir essas palavras.

— Você não vai precisar fazer isso. Nós vamos dar um jeito, eu prometo. Não vou deixar que nada aconteça com a gente.

Enquanto eu falo, Liv desliza as mãos por baixo da bainha da minha camisa,

pressionando os dedos nas minhas costas. Seus lábios roçam meu queixo, com suavidade, mas exigentes, e fica impossível continuar falando. Eu pressiono o corpo dela junto ao meu, sem nenhuma suavidade. Só exigências.

Nós acabamos na areia, tentando esquecer as últimas horas trocando beijos e palavras sussurradas. Não dá muito certo. As pessoas dizem que só os Olfativos podem se render a alguém, mas não é verdade. Eu sinto a tristeza dela e seu medo. O que Liv sente, eu sinto.

Fico abraçado a ela e a vejo adormecer em meus braços. Observo-a por um longo tempo, depois que ela dorme.

Então, forço meus olhos a se fecharem e seu rosto continua ali.

Essa garota. Ela é tudo que eu vejo.

CAPÍTULO 5

O som das risadinhas me puxou de um sonho — ou pesadelo? — com Liv, no meio da clareira, usando um longo vestido branco.

— Eles estão acordando, tio Perry.

Abro os olhos e vejo Perry em pé curvado sobre mim.

— Já não era sem tempo — reclama ele.

Liv está junto a mim, com a cabeça apoiada em meu ombro. Meu braço está em volta dela, mas está completamente dormente. Duvido que tenhamos movido um músculo sequer, depois que pegamos no sono.

Talon está com um balde de metal e uma pá, e está ocupado enterrando as pernas de Liv na areia. A julgar pelo peso que sinto nas minhas, ele começou por mim.

Liv se remexe. Ela se desenlaça de mim e senta.

— O que aconteceu comigo? Minhas pernas sumiram! — grita ela. Ela remexe os dedos dos pés e se faz de espantada quando eles saem da areia. — Quem fez isso?!

Talon e Perry apontam um para o outro, ao mesmo tempo.

— Como se atrevem! — exclama Liv, encarando Talon. Ela pula e sai correndo atrás dele, e grita, por cima do ombro: — Eu pego o pequenininho!

Eu recosto a cabeça para trás e observo o Éter, ouvindo os gritinhos felizes de Talon. Desde que ele adoeceu, todo mundo se empenha dobrado para arrancar dele algumas risadas.

— Você não vai correr atrás de mim? — pergunta Perry.

Eu balanço a cabeça.

— Não. Não vou, não. — O corte do meu polegar dói e meu pescoço está rijo. Não sei se é pelas duas noites seguidas dormindo na praia ou pelo soco que eu levei do Vale. Provavelmente ambos. — Como estou?

— A parte que dá para ver? Parecendo um defunto.

— Faz sentido. É como me sinto. — Eu me sento, esticando os braços para fazer o sangue voltar a circular.

— Conversei com meu irmão...

Eu gelo. “Meu irmão”. Perry só chama Vale assim quando há algo de errado. Isso não vai ser bom. Eu desenterro minhas pernas e me forço a me levantar. Estranhamente, agora que o peso da areia se foi, eu sinto falta dele.

— O que seu irmão disse?

Liv está longe — fora do alcance dela para ouvir nossa conversa —, mas ela olha para nós. Ela diz a Talon para jogar uma linha de pesca na água e que Perry logo irá se juntar a ele.

— Ele não vai mudar de ideia — revela Perry, quando ela se aproxima. — Ele disse que tem que tomar essa decisão como Soberano de Sangue. Que não é uma decisão fácil, mas ele não tem alternativa. — Perry cruza os braços e encara Liv, por alguns instantes. — Ele... é... Ele quer que você parta amanhã, Liv.

Subitamente, não consigo puxar ar suficiente em meus pulmões. Um dia. Eu tenho só mais *um dia* com ela? Liv empalidece ao meu lado.

— Só isso? — Ouço minha voz dizer.

Perry balança a cabeça em negativa.

— Ele concordou em deixar a gente levar a Liv até os Galhadas. É uma jornada de duas semanas... Sei que não é muito, mas até isso foi um custo conseguir. — Perry esfrega a nuca e me dá um sorriso estranho. — Ele também mandou que eu lhe dissesse, com todas as palavras, que você é um bastardo traiçoeiro e que vai mandar caçar e matar você, caso interfira com as ordens dele.

Perry dá uma olhada para Talon, que o está chamando, junto à água.

— Vou lá ficar com o Talon — diz ele. — Mas é bom vocês dois saberem que não quero ouvir uma palavra sobre o que estiverem pensando ou planejando, se é que estão fazendo qualquer uma dessas coisas. — Ele se afasta, antes que possamos responder.

O recado foi claro. Vale estabeleceu as regras. Daqui para a frente, o que Liv e eu fizermos será um desacato às ordens dele. Se Perry descobrir que estamos planejando algo, ele não poderá mentir para Vale a respeito. Ele seria punido por nos ajudar. Outra vez.

Liv olha para mim. Nós precisamos conversar, mas eu percebo que não podemos fazer isso aqui. Eu não sou o único Audi da tribo, e se o Vale está

realmente preocupado com a possibilidade de desafiarmos suas ordens, ele, provavelmente, mandará que nos vigiem. Nossos planos terão que ser feitos longe da aldeia.

Dá para notar que Liv está pensando a mesma coisa. Agora, não. Aqui, não. Mas há algo que eu posso dizer.

— Acho que você deve ser minha amiga — digo a ela. — Tudo bem?

Liv sorri e eu sei que ela está se lembrando daquela primeira conversa que tivemos, doze anos atrás.

— Tudo bem.

Levando em conta que não consigo parar de fantasiar sobre mil e uma formas de cortar o pescoço de Vale — e que ele pode farejar minhas intenções através do meu temperamento —, concluo que é melhor passar o dia longe da aldeia.

Perry e eu seguimos à mata sudeste para caçar, enquanto Liv fica para trás para se despedir e fazer as malas. Não suportaria vê-la fazer nada disso, de qualquer forma. Isso não deveria estar acontecendo. Ela não deveria estar partindo, mas essa parte não pode ser modificada. Agora, meu foco é levá-la para longe do controle de Vale... E depois?

Eu não sei.

Nós poderíamos tentar nos casar, mas Vale, Soberano de Sangue dos Marés, é conhecido por toda essa região. As pessoas das tribos vizinhas desconfiariam do casamento afobado da irmã dele, principalmente se ele for realizado longe das terras dos Marés. Muito provavelmente, Liv e eu seríamos presos e arrastados de volta até Vale. Para nos casarmos, nós teríamos que ir para bem longe, a semanas de distância, onde ninguém reconheceria nenhum de nós dois.

Eu já fiz minha cota de coisas imorais, mas roubar uma garota de seu guardião e tomá-la como minha já é demais. Tenho a sensação de que fugir com ela seria muito parecido com o que eu vi minha mãe fazer, inúmeras vezes, quando eu era menor. Eu nunca quis fazer o mesmo. Eu sempre tentei fazer as coisas da maneira correta, pelo menos no que se referia à Liv. Isso agora deixou de ser uma possibilidade.

Quanto mais eu penso em fugir e me casar com ela, mais a minha cabeça começa a girar. Nunca vi um exemplo decente de marido. O que vi foram homens que, no começo, reluzem como prata, depois ficam cheios de manchas e acabam

desaparecendo. Será que o casamento é algo que tem de ser ensinado, ou você consegue aprender de ouvido?

Fico imaginando se Liv está pensando as mesmas coisas. Ela nunca teve mãe — será que isso faz com que ela queira evitar o casamento? Será que ela nem sequer tem vontade de se tornar uma esposa? Nós dois estamos com dezenove anos — temos idade suficiente —, mas nunca conversamos sobre casamento. Eu percebo que estou pensando tanto nas palavras “casamento” e “esposa” que elas começam a soar estranhas em minha cabeça.

Na trilha de caça, um pouco à frente, Perry desacelera. Está chovendo; exatamente como ele disse que aconteceria, ontem à noite. Observo quando ele se posiciona e mira um veado, puxando a flecha para trás, junto ao queixo e segurando-a. Ele dispara e a flecha voa. O veado se assusta e sai correndo.

— Essa foi terrível — digo. Posso contar, num único dedo, as vezes que o vi errar um alvo como este. Isso só prova que o mundo está mesmo virado de cabeça para baixo. — Você errou por mais de um palmo de distância.

Perry vira-se para mim.

— De quem você acha que é a culpa?

Ainda que o tom de voz dele não fosse indicativo suficiente, o descontentamento estampado no rosto dele seria.

— Minha?

Ele sacode a cabeça.

— Seus nervos estão me dando nos nervos — queixa-se ele, antes de se afastar para pegar a flecha.

Eu me desculpo baixinho, enquanto o observo. Eu sei como me acalmar. Quando voltamos novamente a seguir o rastro do veado, eu volto a sonhar em passar minha faca no pescoço de Vale.

CAPÍTULO 6

Naquela noite, Vale mandou matar um carneiro para o jantar. Por se tratar de Vale, eu perco um bom tempo ruminando essa decisão, imaginando se ele pretendia que isso tivesse um significado mais profundo.

Ainda que ele, gentilmente, tenha me concedido a permissão de acompanhar a garota que eu amo até seu casamento forçado, Vale faz questão de me excluir da mesa principal do refeitório. Levo minha refeição a uma mesa perto da porta, enquanto Liv e sua família se banqueteiam do lado oposto do salão.

Liv está sentada com Talon e Mila, sorrindo, enquanto conversa com eles. Dá para notar que ela está se esforçando para manter uma aparência alegre, por causa deles. Também à minha volta, as pessoas fingem estar alegres, conversando sobre o casamento de Liv. “Isso será ótimo para os Marés”, dizem eles. “Uma aliança com um dos mais poderosos Soberanos de Sangue vivos e mais comida para nos manter durante o inverno”. Todos estão felizes. Todos estão alegres, alegres, alegres.

— Sabe o que é injusto? — indigna-se Brooke, ao meu lado.

Afasto meu prato e olho a caneca ao lado dele. Nem o Luster me parece apetitoso, esta noite.

— A vida?

Embora haja centenas de pessoas entre nós, eu sinto a atenção de Vale sobre mim e olho na direção dele. Ele está adorando minha infelicidade. Ali perto, Perry abocanha uma coxa, enquanto Wylan, o tolo, fala pelos cotovelos. Não é sábio incomodar Perry quando ele está comendo.

— Isto aqui. — Brooke ergue a manga, me mostrando a marca rústica de Vidente ao redor de seu bíceps. — Só porque não somos Olfativos, nem sequer temos uma chance?

Ela está falando do que está acontecendo com Liv, eu sei, mas está pensando

em Perry.

— Não escolhemos o Sentido com o qual nascemos — prossegue Brooke. — Eu não decidi ser uma Vidente, assim como você não decidiu ser um Audi. — Ela agarra meu punho, me assustando. Sua reclamação continua em minha mente.

Vale não se casou com uma Olfativa. É como se ele estabelecesse as regras somente para o resto de nós. E, de qualquer forma, qual é o sentido de manter forte a linhagem Olfativa? E o que tem de tão maravilhoso assim em farejar tudo, o tempo todo?

Foram exatamente estas palavras que eu disse ao Perry, ainda ontem, mas não quero falar sobre isso agora. Estou cansado de problemas. Eu não vou dar ao Vale a satisfação de me ver sofrer.

Eu me inclino, me aproximando do ombro de Brooke, e cheiro sua pele.

— Você está com um cheiro muito bom.

Brooke solta meu punho e encolhe os ombros.

— Diz isso para o seu melhor amigo.

— Claro. Direi a ele. — Não direi. Não faria nenhuma diferença, e, de qualquer forma, ele conhece o cheiro dela melhor que eu.

Brooke fica me olhando com seus olhos azuis perfurantes e claros como vidro.

— É uma pena que você não seja Vidente, Roar. Tudo seria muito mais fácil se a gente gostasse um do outro.

— Mas eu gosto de você.

— Arrã. — Ela suspira e volta sua atenção para Perry. — Eu quis dizer mais que gostar.

Sei o que ela quis dizer, mas Brooke e eu jamais seremos mais que amigos, pelo menos nesta eternidade. Se é que somos isso agora. Inclino a cabeça para o lado — isso parece funcionar com o Perry — e dou uma olhada demorada nas curvas de Brooke.

— Eu poderia fazer mais do que gostar de você.

O estresse deve estar me abalando, porque eu estou dando em cima da Brooke. Ela tem uma veia sinistra que eu não tenho a menor capacidade para administrar, como faz Perry, que consegue farejar seus temperamentos a um quilômetro de distância. Mesmo assim, eu continuo:

— Se você estiver em busca de algo puramente físico, eu decididamente estou interessado. Nós teríamos que obter a aprovação de Perry e Liv... Ai! — Eu me curvo sobre as costelas, onde ela me deu uma cotovelada.

— Deixaram você cair de cabeça no chão quando era criança, Roar! Cem vezes! Essa é a única explicação. — Ela me acerta outra vez nas costelas. — E tente comer um pouco de comida de vez em quando. Você é osso puro.

Seu último comentário é a deixa perfeita para uma resposta maldosa, mas eu me contenho. Ela está claramente infeliz. Não tenho outra escolha. É hora de fazer algo que vai contra a minha natureza.

— Serei honesto com você, Brooke...

— Por que começar agora?! — alfineta ela.

— Essa magoou. Está se sentindo melhor agora?

Ela revira os olhos, mas, subitamente, seu lábio inferior está tremendo. Minhas pernas se retesam quando, subitamente, tenho o ímpeto de sair correndo porta afora. Tudo que eu queria era mergulhar nesse mar de alegria. Apenas por uma hora. Apenas por dez minutos.

— Brooke, eu só estava brincando. — Eu balanço a cabeça na direção de Perry. — Eu só quis dizer que ele não é como o restante de nós. Falta uma coisa nele que não deixa ele... que faz com ele não... ele não consegue...

Eu paro de falar e repenso. O que estou tentando dizer é que Perry não tem uma habilidade que é vital. Talvez seja a capacidade de confiar profundamente. Não sei. Mas, até onde eu consigo entender, quando você foi magoado por alguém que ama, como aconteceu com ele, por que voltaria a buscar o amor? Por que se arriscaria a ser novamente magoado? Não me surpreenderia se ele nunca tivesse algo como Liv e eu temos.

Isso vai muito além do que eu quero dizer à Brooke neste momento — ou, algum dia, por sinal —, e estou começando a ficar deprimido, portanto, apenas digo:

— Acho que você deve esquecer ele.

Os lábios de Brooke se abrem num sorriso sarcástico. É fácil esquecer como ela é bonita quando sorri desse jeito.

— É isso que você vai fazer? Esquecer a Liv?

Nunca. Dou um gole na bebida e saboreio o líquido doce em meus lábios, me permitindo um momento antes de responder:

— Exatamente.

Brooke revira os olhos novamente.

— Você é tão mentiroso, Roar. Seu temperamento está com cheiro de nabo. Ou

sei lá que cheiro têm as mentiras.

Isso me faz rir.

— Não. Minhas mentiras têm cheiro de madressilvas.

Ela franze as sobrancelhas, confusa.

— *Madressilvas?*

Dou de ombros, sem me dar ao trabalho de explicar que gosto dessa palavra.

“Madre” e “Silva” parecem ter nascido uma para outra.

O ruído do refeitório se eleva à nossa volta, enquanto nós caímos em silêncio. Eu sei que isso é difícil para ela, que está perdendo sua melhor amiga e descobrindo a verdade sobre o que representa para o Perry; ela não é boa o suficiente. Meu olhar volta-se à mesa principal. Liv ainda está conversando com Talon. Perry ainda está comendo. Entendo exatamente como Brooke está se sentindo.

O mundo não seria o mesmo sem eles.

CAPÍTULO 7

Partimos na manhã seguinte, antes do sol nascer, antes mesmo que os pescadores tenham acordado. Mila e Talon dormem profundamente, mãe e filho encolhidos, juntos. Fico olhando da porta do quarto, vendo Liv se curvar e beijar ambos, ouvindo o som da respiração dela falhar. Então, Perry xinga baixinho, atrás de mim. Depois ouço nossos passos, conforme saímos da casa.

Só Vale está de pé para nos ver sair. Ao menos é isso que eu penso, até que noto duas silhuetas esperando na saída da aldeia.

Quando ouço uma pausa nas passadas de Perry, sei que ele também os viu.

Vale dá uma olhada para ele.

— Quando eu disse que você e o Roar poderiam acompanhá-la, você não achou que eu só mandaria vocês dois... achou?

Foi exatamente isso que Perry pensou, seu bastardo. Foi o que Liv e eu também pensamos. Mordo a parte interna do lábio, quase sem conter as palavras. Ao meu lado, os olhos de Liv estão distantes, como se ela não estivesse ouvindo Vale.

— Preciso ter certeza de que ela vai chegar lá — continua ele, sem esperar pela resposta de Perry.

É um insulto indisfarçável. Ele deu essa tarefa a outra pessoa para garantir que ela será cumprida apropriadamente. Vale poderia simplesmente ter dito ao Perry: *você é incompetente.*

— Nós estaríamos melhores sem eles — diz Perry. — Se formos só nós três, poderíamos nos deslocar mais depressa. Deixaríamos um rastro mais leve e chamaríamos menos a atenção.

Vale dá um sorriso branco, condescendente.

— Não me lembro de ter pedido sua opinião.

Perry ajeita a sacola dele mais no alto do ombro e assente firmemente.

— Eu entendo.

Um dia, eles se enfrentarão de forma justa, sem cordão ou juramento para proteger o Vale. Um dia, em breve. Espero estar lá para ver.

Conforme nos aproximamos das silhuetas que nos esperam, eu reconheço Wylan e Collins – um Audi e um Vidente. Tê-los conosco vai complicar meus planos... planos que eu ainda preciso inventar. Tornar Liv minha é meu objetivo. A única coisa que ainda não sei é *como* vou fazer isso.

Fugir com ela? Casar com ela? Preciso falar com Liv e descobrir o que ela quer. O verdadeiro objetivo, o que sempre me norteou, é fazê-la feliz.

Collins e Wylan ainda estão meio sonolentos e claramente irritados com essa missão. Depois de uma rápida conversa com Vale, eles saem, tomando a frente, me deixando para trás com os três irmãos.

A hora antes do amanhecer é a mais tranquila do dia. Ainda não há vento balançando a mata, nem o canto dos pássaros preenchendo o ar. Ouço apenas o barulho suave das ondas, a pouco menos de um quilômetro de distância. A cada passo, minha ansiedade vai aumentando, até que não consigo mais resistir e tenho que olhar para trás.

A aldeia parece mais atraente do que nunca, agora que estou partindo. A luz suave do Éter contorna o aglomerado de casinhas, e embora não seja uma aldeia antiga, ela parece robusta e bem planejada. Por mais que eu tenha pensado em um monte de coisas, nos últimos dias, não tinha me ocorrido que eu talvez não volte mais aqui. E embora eu seja um cigano de coração – minha mãe sempre disse que o lar é onde você deita a cabeça para dormir –, não posso negar que esse lugar significa algo para mim. Ele me trouxe Perry, Liv e Talon. Até a Brooke.

Já sinto falta daqui.

Olho para Liv, sofrendo por ela. Se eu me sinto assim, como será que ela deve estar se sentindo?

Ao chegarmos à entrada da mata, onde a trilha mergulha na floresta, Vale para e nós também, todos em silêncio, obedientes, formando um pequeno agrupamento na estrada. Este simples ato perpassa meu astral melancólico, me irritando mais do que deveria; ele nos treinou para sermos como cães.

– Não se atrase, Olivia – diz ele, sem cerimônia –, ou haverá consequências.

– Que diabo significa isso? – As palavras voam da minha boca.

– *Consequências*? Como pretende impor consequências daqui, Vale? – Liv fala ao mesmo tempo que eu.

Fazendo questão de me ignorar, Vale se dirige diretamente a ela.

— *Eu* não vou impor, mas seu futuro marido vai.

Levo um momento para entender o que ele quer dizer. Quando, finalmente, entendo, meu coração se aperta como se um punho fechado o segurasse dentro do peito. Essa conversa está rumando na direção do meu pior pesadelo.

— Eu vou para o norte — responde Liv, com a voz gélida como o inverno. — Estou fazendo isso pelos Marés. Vou tolerar o termo esposa, mas se Sable espera que eu me acovarde num canto e me submeta a ordens ele ficará muito decepcionado. Não sou serviçal de ninguém e não importa o quanto as minhas ações sejam erradas, ninguém, jamais, vai me punir.

Ouçõ-a dizer isso e fico me perguntando por que esse meu ímpeto tão forte de protegê-la. Ela não precisa de mim. Liv é uma potência. Ela é feroz.

Vale balança a cabeça em negativa.

— Acalme-se, Olivia. Ninguém vai punir você. As consequências são penalidades no pagamento do dote. Nós que sofreremos por seu atraso, já que Sable só enviará a provisão de alimentos que concordou em pagar por você, depois que você chegar. E ele sabe bem quem você é e como deve ser tratada. Você é minha irmã, Liv, e, independentemente do que prefira acreditar, eu a amo. E jamais quero vê-la sofrer.

A declaração de Vale é surpreendentemente carinhosa, mas Liv não acredita nela.

— Se você me amasse, não me forçaria a fazer isso.

— Eu me recuso a ter novamente essa conversa com você.

Enquanto eles continuam a discutir, meu olhar desce até a faca na cintura de Vale. Eu poderia picá-lo em vinte pedaços, antes que ele nem sequer sacasse a arma. Eu poderia acabar com isso agora mesmo... por Liv e por Perry.

Vale fica em silêncio e se vira para mim.

— Acho que eu estava certo em trazê-la.

Ele farejou meu temperamento e sentiu meus pensamentos sinistros. Agora não faz sentido esconder. As palavras que eu vinha contendo acabam saindo.

— Como pode fazer isso com ela? Alimentar a tribo é responsabilidade sua, seu problema para resolver. Por que a Liv tem que sofrer, se *você* fracassou em *seu* dever?

Tanto Liv quanto Perry me olham como se eu tivesse perdido a cabeça. Talvez

eu tenha. Isso, decididamente, não era o que eu planejava fazer e ninguém fala com Vale dessa forma, exceto a Liv.

Vale fica me encarando, sem piscar. Eu me preparo, esperando que ele tome a primeira atitude. Que pegue sua faca. Que parta para cima de mim.

Ele não faz nada disso.

— Deixe-me ver se entendi direito — diz ele. — *Você quer discutir responsabilidade e dever comigo?* — Ele abre um sorriso verdadeiro, como se eu tivesse lhe dado um presente.

— O que foi que você já fez, além de seguir meus irmãos para cima e para baixo? — pergunta ele. — Qual é o seu propósito, além de ser um ralo para garrafa atrás de garrafa de Luster? Você age como se fosse devotado a eles, mas não é. Você é devotado a *você mesmo*. É um arrogante, fútil e superficial... isso, em seus melhores dias. Não é nada além de uma fonte de diversão. Você é um *brinquedo*, Roar. E o tempo de brincar já passou.

Algo se acende dentro de mim. Um sentimento que me trava no tempo e impede que o ar circule em meus pulmões. Nem mesmo meu coração está batendo no meu peito.

Levo a mão em direção à minha faca, sabendo precisamente o ângulo e a força que devo usar para apunhalar Vale de um jeito que partirá seu baço ao meio, garantindo que sua morte seja supurante e dolorosa. Meus dedos passam pela bainha de couro presa ao meu cinto, buscando o cabo da faca, sem encontrar nada.

Fico totalmente confuso. Como se eu não encontrasse parte do meu próprio corpo. Então, o brilho do aço atrai meu olhar e eu vejo minha lâmina na mão de Perry.

— O que está fazendo?! — grito, mas minha voz parece vir de milhas de distância.

Perry coloca minha faca em seu cinto e ergue as mãos.

— Isso não vai resolver nada, Roar. — Há um lampejo de culpa em seus olhos, mas ele está preparado para meu ataque, pronto para lutar comigo.

Não consigo pensar. Não consigo entender o que ele fez. Ele diz que isso não vai resolver nada, mas vai. Vale é a causa de todos os nossos problemas, não eu. Vale tem que morrer.

Liv me puxa pelo braço.

— Vamos, Roar. Venha. Está na hora de ir. — Seus olhos verdes estão furiosos. Dou um solavanco, me soltando dela, desviando o olhar para Perry.

— Não posso acreditar nisso. — Como eles podem agir como se *eu* tivesse feito algo errado?

— E aqui estamos nós, mais uma vez — diz Vale, sem qualquer esforço para esconder seu divertimento. — Você sabe que um dia eles vão se cansar de salvar seu...

Liv gira e bate as mãos no peito dele.

— Pare com isso, Vale!

Eu passei do ponto de voltar atrás. Passo direto por ela, sem pensar em mais nada, além de destruir Vale com minhas próprias mãos. Perry agarra meus braços, antes que eu consiga dar dois passos. Eu giro o corpo e o empurro, mas não consigo me soltar. Tudo que consigo é ficar preso numa chave de braço.

— Para com isso! — ordena Perry, atrás de mim. — Não me obrigue a quebrar seu braço.

Eu o xingo e continuo tentando escapar dele, até que a dor em meu ombro traz lágrimas aos meus olhos. Perry estava falando sério; ele vai quebrar meu braço, se eu continuar a me debater.

Os olhos de Vale estão fixos nos meus, enquanto sou empurrado pela trilha.

— Como eu estava dizendo — grita ele —, eles vão ficar cansados disso! Eu sei que eu já estou!

Tudo que vejo em seu rosto é vitória. Ele perfurou a minha maior fraqueza. Vale nunca precisou de uma arma para tirar sangue.

Livrando-me da pegada de Perry, eu saio da trilha, deixando Liv e ele para trás.

O que o Vale disse é verdade.

Não fui feito para atos de heroísmo como Perry e da Liv. Não tenho qualquer desejo de salvar uma tribo ou de corrigir injustiças, nem de me tornar o melhor guerreiro. Eu sou um especialista em facas porque tenho mãos velozes — não por mérito meu — e porque flertei com a arma, descobrindo seus segredos, só por diversão. Fazer a lâmina girar e a pegar de olhos fechados foi um meio fácil de impressionar a Liv. Tornar-me letal foi apenas uma consequência.

Minhas ambições não são grandiosas. Tudo que eu sempre quis foi ajudar as duas pessoas que significam tudo para mim. Talvez esse seja um objetivo pequeno

para os outros, mas sempre me pareceu o bastante.

CAPÍTULO 8

Eu me permito uma hora para remoer o que aconteceu, depois afasto meus pensamentos e espero junto a uma curva da trilha da floresta. Sem perceber, eu acabei avançando um bom trecho na frente de Liv e Perry.

Eu fiz uma tremenda confusão na partida de Liv da aldeia dos Marés, entrando numa discussão com Vale. Foi egoísmo de minha parte. Ela merecia mais que isso. Merece mais neste momento. Quando vejo Perry se aproximando, meus arrependimentos desaparecem e eu fecho os punhos.

— Você já está mais calmo? — pergunta ele. Há uma ligeira elevação em seu queixo, o que me diz que ele está farejando meu temperamento.

Nem me dou ao trabalho de responder; ele sabe que não.

— *Nunca mais* interfira daquela maneira.

Perry para.

— O que eu deveria fazer? Deixar que você matasse o meu irmão?

— *Sim!* Você deveria ter me ajudado, lá atrás. Olhe o que ele fez! Ela é sua irmã. Como pode protegê-lo e não a Liv?

— Ele conseguiu mexer com sua cabeça, Roar. Você não está pensando direito.

— Você é que não está enxergando o que está bem diante de você! Vale estraga tudo. — Ele está arruinando até as minhas amizades, percebo agora. Perry e eu não brigamos desse jeito. Em doze anos, nós quase nunca nem discutimos. — O que o faz pensar que ele não virá atrás de você depois?

Perry para.

— Cuidado, Roar.

Liv vem contornando uma touceira. Ela olha para mim, depois para o Perry.

— Muito bem, vocês dois. Isso é exatamente o que precisamos — diz, passando direto por nós.

Naquela noite, enquanto nos reunimos ao redor de uma fogueira, Wylan reclama de seus pés cansados e dos olhos fatigados. Um monte de baboseiras continua saindo de sua boca, enquanto comemos e depois ficamos olhando o fogo queimando baixinho.

— Devemos levar umas duas semanas até chegar nos Galhadas — diz ele. Ergue o queixo, apontando para Liv, que adormeceu com a cabeça em meu colo. — Acho que seus dias fazendo esse tipo de coisa estão contados.

— Acho que estão — digo. Eu estou passando os dedos nos cabelos dela, vendo como a luz do fogo os transforma em ouro, cobre e bronze. Embora ela talvez nem esteja sentindo mais, eu não consigo parar. Ela passou a tarde toda zangada comigo. Perry também. Nós não falamos desde nossa discussão.

— Nunca achei que fosse ver você e ela se separarem — continua Wylan.

Prendo meu lábio inferior entre os dentes e ergo os olhos, engolindo minha primeira resposta.

— Nem eu. — Em meio a uma teia de galhos, eu vejo o Éter passando em correntes flutuantes. Como é primavera, nós não precisamos nos preocupar com tempestades, mas amanhã estaremos expostos a outros perigos, quando deixarmos as terras dos Marés. Fora dos territórios das tribos, todo dia é uma luta pela sobrevivência. As terras fronteiriças põem até os mais fortes à prova.

Wylan volta sua atenção para Perry, que está sentado do outro lado da fogueira, olhando as chamas.

— E quanto a você?

— O que tem eu, Wylan? — responde Perry, sem erguer os olhos.

— Os Olfativos estão em alta, embora eu não tenha ideia do motivo. Acha que o Vale vai vendê-lo, como fez com sua irmã?

— Não sei quais são os planos de Vale — declara Perry, erguendo os olhos.

Eu sei que ele está pensando o mesmo que eu: Wylan é como um gambá. Sempre cheirando mal, às vezes, de forma intolerável. Esta noite, aparentemente, nós estamos sendo borrifados.

Wylan poussa os cotovelos nos joelhos e coça a barbicha preta no queixo.

— Bem, você não vai poder ficar com os Marés por muito mais tempo, pelo jeito que vocês dois têm se bicado. Você terá que encontrar uma parceira em algum outro lugar, ou dispersar e passar o resto da vida nas terras fronteiriças... o que não seria muito tempo.

Perry cruza os braços.

— Você pensou um bocado nisso.

A raiva pontua sua voz e eu não posso condená-lo. Não há resposta fácil para essa situação. Só pode haver um líder. Perry vai acabar tendo que deixar a tribo ou desafiar Vale pelo direito de ser Soberano de Sangue. Quando você está enfrentando seu próprio irmão, matar ou ser morto é uma situação sem vencedores. Ele deveria ter me deixado acabar com o Vale para ele.

— Pensei mesmo — confirma Wylan. — E você também deveria pensar.

Não consigo mais suportar. Nem a tagarelice de Wylan, nem esse mal-estar com o Perry. Liv mexe a cabeça em meu colo, virando-se levemente. Ela me olha por entre os cílios e sorri para mim, sonolenta e perfeita. Sem querer despertá-la, eu espero até que ela adormeça de novo, antes de falar:

— Tenho uma solução para você, Per.

Ele olha para mim, franzindo as sobrancelhas, surpreso. Rompi nossa guerra de silêncio.

— Muito bem — diz ele. — Sou todo ouvidos.

— A meu ver, há uma escassez de Olfativos no mundo — digo. — Considerando que vocês são apenas um décimo de todos os Marcados.

Perry assente.

— Provavelmente, até menos. Não há muitos de nós.

— Certo. Motivo pelo qual eu acho que você deveria propor ao Vale que o empreste a outras tribos como um garanhão para procriação. Ele poderia fazer um bom dinheiro com seus serviços e isso manteria vocês dois separados, por longos períodos de tempo. E eu acho que, para você, os benefícios são óbvios.

Perry olha de volta para a fogueira. Ele passa a mão na boca e acena lentamente com a cabeça, como se fingisse pensar a respeito, mas dá para ver que ele está tentando não rir.

— Não é uma má ideia — diz ele, depois de um momento.

— Eu sei — concordo. Na verdade, não é um plano tão ruim assim. Perry nunca vai sossegar e as garotas todas dão em cima dele. Liv uma vez me disse que, em parte, elas se sentem atraídas por ele porque Perry é visto como um mistério. Não conversamos muito além disso; prefiro deixar que os atrativos do meu melhor amigo continuem sendo um mistério para mim também.

— Se você estiver disposto a esse tipo de... *trabalho duro* — continuo —, o Vale

pode ter muito lucro.

— Claro — diz Perry. — Eu posso acabar me sentindo estimulado com esse tipo de serviço.

— Manter-se firme e ereto diante do desafio?

— Decididamente. — Perry abre um grande sorriso. — Sou totalmente capaz disso.

Sua pergunta de mais cedo me vem à mente. “*Você já está mais calmo?*” Acho que ambos estamos no caminho certo.

— Você é especialmente apropriado para esse trabalho — digo. — Um mês aqui, um mês ali. Você pode realmente dar um impulso na população. Em alguns anos, pode haver pequenos Olfativos correndo por toda parte. Talvez não tão pequenos assim, já que serão seus filhos.

Perry encolhe os ombros.

— Não vejo nenhum aspecto desagradável nessa proposta. Valeu, Ro. Vou falar com o Vale, quando a gente voltar. — Ele se vira para Wylan, cujos olhos negros estão estreitos de suspeita. — Acho que já está resolvido.

Wylan olha de relance para Perry, depois para mim e solta um grunhido de aversão. Ele despenca no chão e puxa seu cobertor por cima da cabeça.

— Vocês são dois idiotas — resmunga ele.

Nem tanto. Conseguimos fazê-lo calar a boca, o que é algo quase impossível de alcançar.

Isso nos torna brilhantes.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, depois de uma rápida refeição de queijo duro e pão mais duro ainda, nós deixamos o acampamento e partimos. Ao cairmos numa formação confortável — Collins e Wylan à frente; Liv, Perry e eu atrás —, eu sigo matutando sobre meu propósito de arranjar um plano.

Preciso falar em particular com Liv. Se tem uma coisa que sempre foi muito clara para mim é que a minha felicidade está ligada à dela. Somente quando eu souber exatamente o que ela quer, eu poderei coordenar nosso passo seguinte. Ao seguirmos em direção à fronteira do território dos Marés, eu me prometo afastá-la do campo auditivo de Wylan e dos olhos atentos de Collins. Para longe de Perry também.

Meu olhar desvia para ele, caminhando alguns passos à frente. Enquanto observo, ele joga na boca alguns mirtilos que encontrou mais cedo.

— Quer um pouco, Liv? — pergunta ele, sem olhar para trás.

— Não — responde ela. — Obrigada — acrescenta.

A tensão entre nós desapareceu, mas Liv ainda está quieta. Ela tem o direito de estar quieta.

— Eu quero um pouco — falo, só para manter o silêncio afastado por mais alguns segundos.

Perry se vira e estica um dos braços, indicando a floresta em volta.

— Então, comece a procurar — diz ele, antes de jogar alguns para mim.

Eu mastigo a frutinha madura, pensando nos últimos dias. Perry me defendeu de Vale, depois defendeu Vale de mim. E confortou Liv. Seus atos demonstraram que está do nosso lado, mas agora me ocorre que ele falou pouca coisa para nos apoiar. Então, me ocorre que eu não o ouvi dizer *nada*. Não tenho ideia do que ele acha da promessa de Vale de casar Liv com Sable.

Uma sensação gélida percorre a minha espinha. Será que ele concorda com

Vale?

Os pensamentos dispararam em meu cérebro, um após o outro. Talvez ele concorde com um casamento arranjado porque não entende o que é amor — o que Liv e eu temos. O único relacionamento que ele já teve com uma garota foi com a Brooke — o que não chega a ser um relacionamento de verdade. Mas, mesmo que ele entendesse, não faria as mesmas escolhas. Perry é abnegado. Pelos Marés, ele sacrificaria a si mesmo, um amor ou qualquer outra coisa que pudesse prejudicar a tribo.

Então, a ficha cai. Será que ele estaria trabalhando *contra* mim e a Liv? Será que veio nesta viagem para acompanhar nosso paradeiro? Para se assegurar de que não tentaríamos fugir? Ele nunca nos trairia por causa de Vale; a aliança dele com o irmão mais velho é algo caindo aos pedaços, pronto para desmoronar. Mas eu não acabei de admitir que ele faria *qualquer coisa* pelos Marés?

O suor escorre pelas minhas costas, enquanto penso nas mil vezes em que competimos um contra o outro, numa coisa ou outra — em tudo. Nossas competições nunca foram para valer. Jamais foram maliciosas. Mesmo quando discutimos, ontem à noite, eu nunca o vi como um verdadeiro adversário. E se ele se tornar um?

E se ele tentar me impedir de ficar com Liv?

Então, Liv olha para mim, com uma expressão interrogativa e ligeiramente confusa. Eu sei que estou fazendo uma careta.

— Azedas — digo. — As frutinhas estão azedas. — Pisco para ela e desvio o olhar, tentando me concentrar no som dos nossos passos.

Por algum acaso do destino, nossos passos estão sincronizados. Três pares de pés pisando em ritmo perfeito. Eu me concentro nisso — no pequeno milagre que está acontecendo, neste instante —, mas um cântico rebelde começa a ressonar em minha cabeça e é ruidoso. Ruidoso demais para ignorar.

Se eu tiver que perder tudo para ficar com ela, que assim seja.

Que assim seja.

Que assim seja.

Que assim seja.

Conseguir um tempo a sós com Liv acaba sendo bem simples. Naquela noite, quando estou contornando nosso acampamento, durante a guarda noturna,

enquanto os outros dormem, ela me encontra.

Passei o dia todo com ela. A semana toda. Meses e anos. Mas meu coração acelera quando a vejo se aproximando lentamente, uma sombra alta e fluida por entre as árvores negras. Ela se detém a alguns palmos de distância, com os olhos brilhando na escuridão. Percebo que ela está carregando sua arma. Já adentramos as terras fronteiriças faz tempo.

— Eu não vou deixar que você desperdice sua vida. — Há sofrimento em sua voz e eu detesto que essa seja a primeira coisa, a primeira coisa verdadeira, que ela me diz hoje.

— Também não quero desperdiçá-la.

— Roar, eu preciso que você pare de brincadeira agora.

Ergo as mãos em rendição.

— Tudo bem... estou ouvindo.

— Você ouviu o que Perry disse... o que Vale jurou fazer a você, se nós fugirmos. Mas isso não é uma questão de desafiar o Vale, Roar. Eu já ouvi falar muitas coisas sobre Sable. Ele é vaidoso e vingativo. As pessoas dizem que ele tem esse nome, que, em um de seus significados, quer dizer a cor preta em seu tom mais escuro, porque tem um coração negro como carvão.

— Isso é só conversa, Liv. Sable é poderoso. O poder não vem isento de inimigos e do escárnio que as pessoas sentem.

— Mas e se for verdade? Se fugirmos, não estaríamos apenas nos voltando contra o Vale. E se Sable também assumir a missão de nos caçar? De matá-lo? Ele tem um exército de milhares e isso é fato. Não é um *boato*. Não quero ser responsável por você viver o resto de sua vida como um homem procurado, e se um dia você for pego...

Ela para de falar, preferindo não afirmar o óbvio. Se eu a levar e Sable ou Vale algum dia me pegarem, serei morto. Não há nada que eu possa dizer, então, encolho os ombros. Não posso prometer que isso não vai acontecer. Talvez aconteça. Ela terá de aceitar ou não. Mas eu não lhe darei falsas esperanças.

Respiro fundo, ouvindo os sons à minha volta. O risco de ser atacado por bandos de dispersos é real aqui; não podemos nos dar ao luxo de baixar a guarda. Ouço apenas o som das folhas farfalhando na brisa. Um uivo solitário de uma coruja, ao longe.

Tudo que eu queria era estar de volta onde estávamos, alguns dias atrás, na

praia perto da caverna.

Liv está inquieta.

— Diz alguma coisa, Roar.

— Eu te amo.

As palavras pairam na escuridão, e agora é ela que cai em silêncio. Não era essa minha intenção. Ela deveria estar em meus braços agora. Não sei por que não está.

Dou um passo na direção dela e encontro sua mão.

— Compreendo os riscos, Liv. — Dou uma olhada na direção do acampamento, pensando no amigo que talvez perca. — E estou disposto a corrê-los. Por você. Por nós. *Eu* escolho *você*. — Os dedos dela estão frios, então, eu os envolvo entre as minhas mãos, depois pressiono meus lábios sobre eles. — Estou pronto — digo, junto à pele dela. — A questão é: você está?

Ela fica me olhando.

Eu espero.

E espero.

— Você está me matando, Liv. Seja o que for, apenas me fale. O que está guardado aí no seu coração?

— Você — responde ela.

Ela repete a resposta, mentalmente: *Você. Você sempre esteve nele.*

Até este momento, eu não tinha percebido que estava, há dias, prendendo a respiração. Abraço-a junto de mim e a aperto com o máximo de força que consigo, sem machucá-la. Dou um beijo no alto de sua cabeça.

— Eu precisava ouvir isso — sussurro, com a boca pressionada em seus cabelos.

— Quando penso em ficar sem você — diz ela —, quase não consigo respirar.

A coincidência me faz sorrir.

— Continue respirando. Estou bem aqui.

Ela recua. Um sorriso surge em seus lábios e some.

— Não vejo saída, Roar. Não importa que decisão eu tome, as pessoas vão acabar sofrendo. Se eu não for para a tribo de Sable, o que acontecerá aos Marés? Eles vão morrer de fome por minha causa? A Mila? O Talon?

— Não. Seu irmão não vai deixar que eles morram de fome.

— Como? Eu sou a solução de Vale. A resposta dele para alimentar a tribo sou eu.

— Quando eu disse “irmão”, eu estava falando do Perry. Ele não deixará Talon

passar fome. Nem o Vale deixará. Eles pensarão em alguma coisa. Ninguém vai morrer de fome.

Em lugar de acalmar suas preocupações, meus comentários fazem com que ela se retraia. Liv estaria deixando todos para trás, se nós fugíssemos. Talon. Perry. Vale e Mila. Até Brooke. Ela perderia qualquer chance de voltar a vê-los, se nós desafiássemos Vale e sumíssemos.

Não posso pedir que ela faça essa escolha.

— Você sabe o que eu quero — afirmo. — O que você decidir, amor, eu estou aqui. Eu sempre estarei aqui.

Ela fica em silêncio por um bom tempo, olhando meus olhos. Entrando em minha alma.

— Você disse Liv ou amor? — brinca ela.

Afasto os cabelos de seu pescoço e pouso a mão nele, sentindo as batidas de seu coração.

— Os dois — respondo. — Para mim, elas querem dizer a mesma coisa.

CAPÍTULO 10

Nosso tempo está se esgotando.

Cruzo com o olhar de Liv, do outro lado da pequena clareira, na floresta, onde paramos para beber água e fazer uma rápida refeição. Sei que ela está pensando a mesma coisa.

Continuamos seguindo para o norte, dia após dia, e nossa jornada já dura uma semana e alguns dias. A escalada é contínua e vimos os carvalhos se transformarem em pinheiros. As colinas deram lugar a montanhas que alcançam as nuvens. Agora estamos a apenas alguns quilômetros da fronteira sudeste das terras de Sable. Como o território é gigantesco, a cidade dos Galhadas, Rim, fica a dois dias de viagem daqui. Mas, se Liv e eu fugirmos, isso precisa acontecer logo.

Tem que acontecer esta noite.

Perry joga seu odre de água em sua sacola e se levanta do tronco onde estava sentado.

— Vamos seguir viagem. Quero chegar nas terras de Sable até o cair da noite.

— Já caminhamos bastante por hoje — retruca Wylan. — Este é um bom local para montar acampamento — argumenta ele, acenando com a mão para a clareira.

— Não há motivo para passar outra noite em terras desprotegidas — diz Perry. — Se rumarmos norte por mais uma hora, será melhor pra nós.

Ele tem razão. Uma vez que atravessarmos a fronteira do território dos Galhadas, a probabilidade de nos depararmos com dispersos diminui. Mas só de estar próximo assim das terras de Sable já estou ficando todo suado e nervoso.

Eu olho para Liv. Não sou o único que está ansioso. Ela está sentada junto a uma rocha, abraçando os joelhos. Parece pálida, frágil e assustada, e ela não é nenhuma dessas coisas.

Ela deve ter percebido isso, porque estica as pernas e endireita a postura.

— Perry, só... só mais uma noite — intercede ela.

Ele sacode a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia. — O tom dele é mais brando com ela. Ele para, observando Liv em silêncio. Eu fico imaginando o que ele fareja, o que se passa entre eles através dos temperamentos dos dois, pois ele assente.

— Tudo bem, vamos ficar.

Wylan dá um suspiro exagerado.

— Siiim — diz ele. — Meus pés estão...

— Nós sabemos — interrompe Collins. — Seus pés estão matando todos nós.

Perry pendura o arco no ombro.

— Wylan, você e eu ficaremos com o primeiro turno de vigília.

— Eu já estou indo — responde Wylan. Quando Perry lança um olhar fulminante na direção dele, Wylan se defende: — Nem escureceu ainda.

Perry começa a dizer algo, mas para e sai sem dar uma palavra.

Como Liv e Perry farejaram a presença de humanos, mais cedo, nós não nos arriscamos em acender uma fogueira. E já comemos, portanto, não há nada a fazer, exceto falar ou dormir. Mantenho os olhos em Liv, enquanto Wylan e Collins tagarelam sobre coisas sem importância. Conforme a luz do dia vai sumindo e a noite faz a temperatura cair, eu tento ler os pensamentos dela; meu coração está disparado, embora eu esteja sentado, quieto.

Ela escolherá o amor ou o dever?

Vai passar a vida se escondendo na floresta ou como uma noiva comprada?

Ela tem escolhas difíceis pela frente. Eu quero apoiá-la. Isso precisa ser decisão dela. Porém, a parte de mim que quer amarrá-la e levá-la embora está ganhando. Não consigo aguentar por muito mais tempo. Não vou.

— *Roar.*

A voz de Perry vem de algum lugar ao longe, mas é pontuada de urgência. Na mesma hora estou de pé, observando as árvores, ouvindo. Ouço os pés dele batendo pelo chão da floresta, antes mesmo de avistá-lo. Quando o vejo, qualquer dúvida que eu tinha quanto a estarmos sendo atacados se desfaz. Perry vem correndo em nossa direção a toda a velocidade.

— São uns dez deles, pelo menos — alerta ele, quando chega até nós. — Nossa melhor chance é correr.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Tarde demais. — Ouço passos. Atrás de nós. À nossa frente. São fracos, mas

estão por toda parte. — Há mais de dez e eles nos cercaram.

Perry xinga e eu sei que todos nós estamos assimilando o mesmo fato: independentemente de qualquer coisa, nós teremos que lutar para escapar.

— Para que lado devemos ir? — Liv me pergunta. Ela está empunhando sua meia espada. E não parece mais pálida, nem frágil. Collins tira o arco do ombro. Wylan ficou branco ao lado dele.

Eu ouço novamente, esmiuçando o som. Buscando a direção de onde escuto menos passos. Pelo caminho que, espero, oferecerá menos resistência.

— Por aqui.

Pegamos nossas coisas e disparamos em meio aos pinheiros.

A escuridão da noite já caiu pesada sobre nós, amplificando nossa respiração e nossos passos. Somos ruidosos. Qualquer bando que tiver seus Audis nos seguirá sem dificuldade. Se eles tiverem um Olfativo, então, vão nos rastrear pelo cheiro. Embora não seja hora para pensamentos como estes, não consigo evitar lembrar o que Perry disse a Vale, sobre como seria mais seguro se viajássemos sem Wylan e Collins. Ele estava certo. Se fôssemos apenas eu, Perry e Liv, sei que poderíamos desaparecer. Perry tinha razão também, quando disse que estaríamos em mais segurança esta noite se tivéssemos avançado rumo ao norte, para o território de Sable. Não sei por que, de vez em quando, questiono sua intuição. Juro nunca mais fazer isso.

Perry dispara na frente, dez passos, vinte, cinquenta. Ele desacelera e se prepara, prendendo uma flecha em seu arco e disparando. Eu acompanho o caminho que sua flecha faz e vejo seu alvo. Um homem mergulhado na mata que voa para trás e aterrissa no chão da floresta. Perry dispara outra flecha ao norte e mais outra, mas eles vêm em nossa direção, com as lâminas reluzindo, gritando, emergindo da escuridão.

Um homem trajando farrapos avança sobre mim, os olhos arregalados, ferozes, refletindo a luz fraca do Éter. Ele vem se arrastando, negligente, e tenta me golpear com sua faca. É lento como uma nuvem. Eu me esquivo com facilidade e contra-ataco. Minha faca encontra a artéria de seu pescoço e ele se encolhe aos meus pés.

— Liv! — Vejo apenas um lampejo de seus cabelos louros, antes que outro homem irrompa das árvores, correndo na minha direção. Eu rapidamente o analiso, medindo sua força como oponente. Ele é mais jovem e mais cauteloso que

o anterior, andando devagar enquanto me avalia também, com passos leves e experientes de um homem que se sente à vontade em uma luta. Mantenho os olhos nele, embora eu ouça Liv atrás de mim, arfante, tilintando sua espada. Sinto minha vida se esvaindo, a cada segundo que não consigo vê-la.

— Venha! — grito para meu agressor.

Ele não toma a iniciativa e eu não vou esperar. Não posso mais esperar. Disparo em sua direção e sinto um tapa no meu peito, quando cravo minha faca em seu coração.

Puxo a lâmina, me viro e avisto Liv na hora em que ela bate com o cabo de sua meia espada no rosto de um homem. Ele balança para trás, liquidado, mas há outra silhueta atrás dela. Um homem com um machado. Ela não o vê. Não vê que ele está correndo em sua direção, com a arma imensa erguida no alto.

Eu arremesso a minha faca.

No instante em que ela voa atravessando a noite, eu faço uma barganha com o destino.

Eu a deixarei ir. Deixarei que Sable fique com ela. Farei qualquer coisa, contanto que ela viva.

Acerto no rosto do homem com o machado, exatamente como mirei. Ele gira e cai no chão. Ouço duas batidas secas: seu corpo e sua arma. Ele não se levanta mais.

Os olhos de Liv se fixam nos meus e vejo o medo faiscando neles.

— Roar, saiam daqui! — Ouço Perry gritar do alto da colina. Wylan e Collins estão com ele. Alguns homens se agruparam nos cem metros que nos separam. Eu paro para fazer a contagem. Nove.

Nós somos bons guerreiros, cada um de nós, mas essa ainda é uma desvantagem que não pode ser ignorada. E eu que acabei de jurar confiar na intuição de Perry. Mesmo que signifique ir contra a minha de não o deixar sozinho nesta luta.

— Perry! — grita Liv.

— Olivia, *corre*! — berra ele outra vez.

Há somente uma coisa a fazer e Liv também sabe qual é.

Nós corremos.

CAPÍTULO II

Liv e eu corremos durante uma hora inteira, depois paramos. Ela fareja, eu ouço. E embora esteja claro que estamos fora de perigo, nós corremos por mais meia hora.

Quando finalmente paramos de vez, eu me curvo sobre meus joelhos. Minha camisa está pesada de suor. Minhas pernas tremem sob meu peso.

— Você acha que eles conseguiram? — pergunta Liv, sem fôlego. — Acha que Perry está bem?

Ele tem que estar, mas não consigo encontrar as palavras para dizer isso a ela. Ela me olha atentamente.

— Você está bem?

Minhas mãos também estão tremendo. Praticamente todas as partes do meu corpo estão tremendo. Só consigo ver aquele homem com o machado, correndo na direção dela.

— Roar — insiste ela. — Fale comigo.

A corrida me deixou com uma dor no lado do corpo. Uma dor aguda que me impede de esticar as costas completamente, quando tento.

— Como posso estar bem, depois do que quase aconteceu lá atrás, Liv?

Liv olha para a floresta e eu sei que ela sabe do que estou falando.

— Eu não o vi. Não sabia que ele estava ali.

— Tem ideia de como foi por pouco? Ele estava a menos de dois passos de você. E se a minha pontaria falhasse? E se eu errasse?

Ela sacode a cabeça.

— Você nunca erra.

— Olivia, essa não é a questão.

— Roar... você tomou um golpe...

— Que golpe, que nada! Estou é furioso. Quero voltar lá e matá-lo outra vez.

— Eu quis dizer que você está sangrando — explica ela. — Esse tipo de golpe.

— Estou? — Olho para baixo. — Onde?

— Não sei — diz Liv. — Tem sangue no seu rosto. — Ela se aproxima e passa as mãos nas minhas bochechas, me percorrendo com os olhos. — Não estou vendo nada.

Então eu sinto uma pontada no peito e me lembro do tapa que tomei, durante a luta. Puxo a gola da minha camisa suada, tentando ver o corte.

— Vem aqui, Roar. Deixa eu ver. — Liv levanta minha camisa e a tira pela minha cabeça. A noite fria em minha pele é o sétimo céu. Os dedos de Liv passando pelo meu peito é uma sensação ainda melhor.

Eu arquejo, quando sinto o corte arder. Olhando para baixo, vejo quando ela passa o polegar sobre um corte de cerca de cinco centímetros. Bem na altura do meu coração, mas superficial.

— Não foi nada — diz ela, aliviada. — É só um arranhão.

Eu sei disso — quase nem senti —, mas não consigo resistir.

— Então, quando eu me machuco, tudo que eu ganho é um “é só um arranhão”, mas, quando é o Perry, ele ganha um exame de meia hora?

— Não — diz Liv. — Você ganha isso. — Ela me abraça e me beija. É um beijo demorado, com um quê de urgência. Nós dois ainda estamos com medo, mas minhas mãos ficam mais determinadas no corpo dela. Não demora para que nós dois estejamos ofegantes de novo.

— Liv — digo. — Eu queria que você tomasse sua decisão sozinha. Não queria forçá-la. Não perguntei porque eu nunca quis que você se sentisse pressionada...

— Shhh... Eu sei, Roar.

Apoio minha testa na dela.

— Eu achei que fosse perdê-la.

Seu olhar encontra minha boca e eu sinto sua respiração, quando ela sussurra: — Eu te amo, Roar. Sempre amarei.

Nós encontramos um lugar para nos refugiar juntos, sob o abrigo de um pinheiro, escondidos embaixo de galhos que parecem eternos. Ainda estamos com os nervos à flor da pele, mas agora há outra sensação se fazendo presente. Uma atração que sempre existiu entre nós. Que só fez aumentar, desde que nos conhecemos. Ao abraçá-la, falo dos dias que estamos deixando para trás, relembro histórias, todas as lembranças que são nossas, até que seu riso cede lugar ao ritmo

silencioso de sua respiração, quando ela adormece.

Então, beijo o alto de sua cabeça, me sentindo inabalável. Inteiro.

O passado ficou para trás, agora. Amanhã, tem início nosso futuro.

Eu sei que ela se foi, antes mesmo de abrir os olhos. Sei porque estou chamando por ela, ao acordar, olhando em volta. Sua sacola sumiu, sua arma, mas eu ainda sinto o peso de sua cabeça em meu peito e o calor que ela deixou.

Chamo por ela, gritando, embora eu saiba que não vai adiantar. Liv fez sua escolha. Ela não escolheu a mim, ou o Sable, ou os Marés. Ela escolheu o tempo. Não sei como tenho certeza disso, mas tenho. Liv sempre corre quando precisa pensar.

Grito seu nome mesmo assim, berrando para as árvores e para o Éter. Só paro quando perco a voz e não sai mais som algum. Então, pego minha sacola e a penduro no ombro.

Eu vou dar a ela o tempo que precisar, mas não vou desistir dela. Jamais.

Título Original

ROAR AND LIV

AN UNDER THE NEVER SKY STORY

Copyright © 2012 by Veronica Rossi Edição brasileira publicada mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, em conjunto com Adams Literary Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

ANNA BUARQUE

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: janeiro, 2017.

R743r

Rossi, Veronica

Roar e Liv [recurso eletrônico]: uma história de never sky / Veronica Rossi ; tradução Alice Klesck.
- 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital (Never sky) Tradução de: Roar and Liv: an under the never sky story ISBN 978-85-7980-334-5 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Klesck, Alice. II. Título. III. Série.

16-38142

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Veronica Rossi nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Durante a infância, morou em vários países e cidades pelo mundo, até se fixar no norte da Califórnia, onde vive atualmente com o marido e dois filhos. É graduada pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e estudou belas-artes na Escola de Artes, em São Francisco. Mas não era só pintura a óleo que fascinava a escritora; ela também praticou artes marciais durante muitos anos. O savate (boxe francês) e o jiu-jitsu eram suas lutas preferidas. Sua estreia na literatura, a trilogia *Never Sky*, foi vendida para mais de 25 países e teve os direitos de adaptação cinematográfica comprados pelos estúdios Warner Bros.

LEIA UM TEASER DE

SOB O
CÉU
DO NUNCA



Capítulo I

ÁRIA

Eles chamavam o mundo além das paredes do núcleo de “a Loja da Morte”. Havia um milhão de maneiras de morrer por lá. Ária nunca achou que chegaria tão perto.

Ela mordia o lábio, enquanto olhava a porta pesada de aço à sua frente. Uma tela exibia as palavras “AGRICULTURA 6 – PROIBIDA A ENTRADA” em letras vermelhas luminosas.

Ag 6 era apenas uma cúpula de serviço, Ária dizia a si mesma. Dúzias de cúpulas proviam Quimera com comida, água, oxigênio: todas as coisas de que uma cidade encapsulada precisava. A Ag 6 tinha sido danificada numa tempestade recente, mas os danos eram supostamente insignificantes. Supostamente.

– Talvez a gente deva voltar – disse Paisley. Ela estava ao lado de Ária na câmara de compressão, aflita, enroscando uma mecha de sua longa cabeleira ruiva.

Os três meninos estavam agachados junto ao painel de controle, perto da porta, causando interferência no sinal, para que pudessem sair sem acionar o alarme. Ária procurava ignorar o falatório contínuo.

– Ora, vamos, Paisley. O que poderia acontecer de pior?

Ária disse isso como uma piada, mas sua voz saiu alta demais, então ela emendou uma risada, que acabou soando ligeiramente histérica.

– O que poderia acontecer numa cúpula danificada? – Paisley contou em seus dedos finos. – Nossa pele poderia apodrecer. Nós poderíamos ficar trancadas pra fora. Uma tempestade de Éter pode nos transformar em bacon humano. Então, os canibais poderiam nos comer no café da manhã.

– É só outra parte de Quimera – disse Ária.

- Uma parte restrita.
- Pais, você não precisa ir.
- Nem você – disse Paisley, mas ela estava errada.

Durante os últimos cinco dias, Ária estava constantemente preocupada com sua mãe. Por que ela não fizera contato? Lumina nunca tinha perdido uma de suas visitas diárias, independentemente do quanto estivesse envolvida em sua pesquisa médica. Se Ária queria respostas, ela precisava entrar naquela cúpula.

- Pela centésima vez, não... espere, pela milésima vez, a Ag 6 é segura – disse Soren, sem se virar do painel de controle. – Vocês acham que eu quero morrer esta noite?

Fazia sentido. Soren se amava demais para arriscar a própria vida. O olhar de Ária pousou em suas costas musculosas. Soren era filho do diretor de segurança de Quimera. Ele tinha o tipo de corpo que só se obtinha com privilégio. Tinha até um bronzado, uma regalia ridícula, considerando-se que nenhum deles jamais vira o sol. E também era um gênio para decifrar códigos.

Bane e Echo observavam, ao seu lado. Os irmãos seguiam Soren por todo lado. Ele geralmente tinha centenas de seguidores, mas isso era nos Reinos. Esta noite, apenas cinco deles compartilhavam a apertada câmara de compressão. Somente cinco deles infringindo a lei.

Soren se ergueu, mostrando um sorriso presunçoso.

- Preciso falar com meu pai sobre esses protocolos de segurança.
- Você conseguiu? – perguntou Ária.

Soren sacudiu os ombros.

- Alguém duvidava? Agora, a melhor parte. Hora de desligar.
- Espere – disse Paisley. – Achei que você fosse só interferir na transmissão de nossos olhos mágicos.

- Estou interferindo, mas isso não nos dará tempo suficiente. Precisamos desligá-los.

Ária passou o dedo em seu olho mágico. Ela sempre usava o dispositivo transparente sobre seu olho esquerdo, e estava sempre ligado. O olho os levava até os Reinos, espaços virtuais onde eles passavam a maior parte do tempo.

- Caleb vai nos matar se não voltarmos logo – disse Paisley.

Ária revirou os olhos.

- Seu irmão e suas noites temáticas. – Ela geralmente percorria os Reinos com

Paisley e Caleb, seu irmão mais velho, partindo de seu ponto favorito, no salão da 2ª geração. Ao longo do mês anterior, Caleb tinha planejado temas para as noites de lazer. O tema dessa noite, “Banquete amigável”, começara num Reino Romano, onde eles tinham se empanturrado de javali e ragu de lagosta. Depois rumaram em direção a um banquete de Minotauro num Reino Mitológico.

– Só estou contente por termos partido antes das piranhas.

Graças ao seu olho mágico, Ária mantinha encontros diários com a mãe, que seguia com sua pesquisa em Nirvana, outro núcleo, a centenas de quilômetros de distância. A distância nunca tivera importância, até cinco dias atrás, quando a conexão com Nirvana foi interrompida.

– Por quanto tempo estamos planejando ficar por lá? – perguntou Ária. Ela só precisava de alguns minutos a sós com Soren. Apenas o tempo suficiente para perguntar sobre Nirvana.

Um sorriso se abriu no rosto de Bane.

– Tempo suficiente para festejarmos no real!

Echo afastou o cabelo dos olhos.

– Tempo suficiente para festejarmos em carne e osso!

O verdadeiro nome de Echo era Theo, mas poucas pessoas se lembravam disso. Seu apelido combinava bem com ele.

– Podemos desligar por uma hora. – Soren piscou pra ela. – Mas não se preocupe, eu deixo você ligadinha depois.

Ária se obrigou a sorrir, sedutora.

– Acho bom, mesmo.

Paisley lançou um olhar suspeito. Ela não sabia do plano de Ária. Algo tinha acontecido com Nirvana, e Ária sabia que Soren podia obter informações com seu pai.

Soren sacudiu seus ombros largos, como um boxeador entrando no ringue.

– Lá vamos nós, sequelados. Segurem firme. Vamos desligar em três, dois...

Ária se assustou com uma campainha aguda que vinha do fundo de seus ouvidos. Um muro vermelho desabou sobre seu ângulo de visão. Agulhas incandescentes espetavam seu olho esquerdo e se espalhavam por seu couro cabeludo. Aglutinaram-se na base de seu crânio e dispararam espinha abaixo, explodindo em seus membros. Ela ouviu um dos garotos xingar de alívio. O muro vermelho sumiu com a mesma rapidez que havia surgido.

Ela piscou algumas vezes, desorientada. Os ícones de seus Reinos favoritos tinham desaparecido. As mensagens na lista de dados e o rodapé de notícias na tela inteligente também tinham sumido, deixando apenas a porta da câmara de compressão, que parecia opaca, filtrada por uma película fina. Ela olhou para baixo, para suas botas. Cinza médio. Um tom que cobria praticamente tudo em Quimera. Como fazer o *cinza* ficar ainda menos vibrante?

Embora estivesse na pequena câmara lotada, ela foi tomada por uma sensação de solidão. Não podia acreditar que um dia as pessoas tinham vivido assim, sem nada além do real. Os Selvagens de fora *ainda* viviam assim.

– Funcionou – disse Soren. – Estamos desligados! Somos estritamente carne! Bane pulava para cima e para baixo.

– Somos como os Selvagens!

– Somos Selvagens! – gritou Echo. – Somos Forasteiros!

Paisley piscava sem parar. Ária queria tranquilizá-la, mas não conseguia se concentrar, não com Bane e Echo berrando no pequeno espaço.

Soren girou uma barra manual na porta. A câmara despressurizou com um chiado rápido e uma onda de ar fresco. Ária olhou para baixo, perplexa, ao ver a mão de Paisley agarrada à sua. Antes que Soren abrisse a porta, ela só teve um segundo para absorver o fato de que não tocava ninguém há meses, desde que a mãe partira.

– Liberdade, enfim – disse ele, depois seguiu rumo à escuridão.

No clarão que saía da câmara de compressão, ela viu o mesmo chão macio que havia por toda parte em Quimera. Mas ali o solo era coberto por uma camada de poeira. As pegadas de Soren carimbaram uma trilha adentrando a escuridão.

E se a cúpula não fosse segura? E se a Ag 6 transbordasse de perigos? Um milhão de mortes na Loja da Morte. Um milhão de doenças talvez estivesse pairando no ar, revoando por seu rosto. Inalar o ar subitamente parecia suicídio.

Ária ouviu bipes de um teclado vindo da direção de Soren. Trilhas de luzes piscaram, com uma série de cliques ruidosos. Um espaço cavernoso surgiu. Fileiras de plantações se estendiam niveladas como listras. Bem ao alto, canos e vigas cruzavam o teto. Ela não via nenhum buraco aberto, ou qualquer outro sinal de danos. Com seu chão sujo e silêncio solene, a cúpula parecia simplesmente malcuidada.

Soren pulou na frente da porta, segurando no portal.

– Pode me culpar se essa acabar sendo a melhor noite da sua vida.

A comida brotava de montes plásticos que batiam na altura da cintura. Fileiras e fileiras de frutos e legumes deteriorando se espalhavam ao seu redor, em linhas intermináveis. Como tudo no núcleo, eram geneticamente elaborados para eficiência. Não tinham folhas e, para crescer, não precisavam de terra alguma, somente de pouca água.

Ária arrancou um pêssago murcho, retraindo-se ao ver a facilidade com que amassara sua polpa macia. Nos Reinos, ainda cultivava-se alimento, ou ele era cultivado virtualmente, em fazendas com celeiros vermelhos e campos sob o céu ensolarado. Ela se lembrava do último slogan do olho mágico, “Melhor que real”. Nesse caso, era verdade. A comida verdadeira da Ag 6 parecia gente velha antes de tratamentos de reversão da idade.

Os meninos passaram os primeiros dez minutos correndo pelos corredores, uns atrás dos outros, e pulando por cima das fileiras de plantações. Isso acabou virando um jogo que Soren intitulou “podrebol”, que consistia em acertar uns aos outros com os frutos. Ária jogou um pouco, mas Soren ficava mirando nela e ele arremessava com muita força.

Ela se escondeu com Paisley, abaixando atrás de uma fileira, enquanto Soren mudava novamente o jogo. Ele encostou Bane e Echo contra a parede, ao estilo paredão de execução, depois atirou pomelos nos dois irmãos, que só ficaram ali, rindo.

– Chega de fruta cítrica! – gritou Bane. – Nós vamos falar!

Echo ergueu as mãos, como Bane.

– Nós nos entregamos, Ceifeiro das Frutas! Vamos falar!

As pessoas sempre faziam o que Soren queria. Ele tinha prioridade em todos os Reinos. Ele tinha até um Reino batizado com seu nome, SOREN 18. O pai de Soren criara o Reino para o seu aniversário de dezoito anos, no mês anterior. Garrafas verdes emborcadas entoavam um concerto especial. Durante a última música, o estádio inundou de água do mar. Todos se transformaram em sereias e tritões. Até mesmo nos Reinos, onde tudo era possível, aquela festa tinha sido espetacular. Ela dera início à moda dos concertos subaquáticos. Soren conseguia fazer nadadeiras parecerem sexy.

Ária raramente encontrava com ele depois do colégio. Era Soren que ditava as

regras nos Reinos de esportes e combates, lugares onde as pessoas podiam competir e ser avaliadas. Ela normalmente ficava nos Reinos da arte e da música, em companhia de Paisley e Caleb.

– Olha esse *troço* sujo – disse Paisley, esfregando um borrão laranja em sua calça. – Não quer sair.

– Isso se chama mancha – disse Ária.

– Qual é a finalidade das manchas?

– Não há finalidade. Por isso que não há nos Reinos. – Ária observava a melhor amiga. Paisley mostrava o rosto franzido, sua sobrancelha sobreposta na beirada do olho mágico.

– Você está bem?

Paisley abanou os dedos diante de seu olho.

– Detesto isso. Está *faltando* tudo, sabe? Cadê todo mundo? E por que minha voz está tão esquisita?

– Nós todos soamos estranho. Como se tivéssemos engolido megafones.

Paisley ergueu uma sobrancelha.

– Mega o quê?

– Um cone que as pessoas usavam para amplificar sua voz. Antes dos microfones.

– Parece um megarregresso – disse Paisley. Ela ficou andando rapidamente ao redor, empinando os ombros para Ária. – Você vai me dizer o que está acontecendo? Por que estamos aqui com Soren?

Agora que elas estavam desligadas, Ária percebeu que podia contar a Paisley o motivo de flertar com ele.

– Preciso descobrir sobre Lumina. Eu sei que Soren pode conseguir a informação com o pai. Ele talvez já saiba alguma coisa.

A fisionomia de Paisley abrandou.

– É provável que a conexão esteja apenas fora do ar. Você logo terá notícias dela.

– A conexão já ficou fora do ar por algumas horas, nunca tanto tempo assim.

Paisley suspirou, recostando sobre o monte plástico.

– Eu não pude acreditar quando você cantou pra ele, na outra noite. E você devia ter visto Caleb. Ele achou que você tinha arrombado o armário de remédios de sua mãe.

Ária sorriu. Ela geralmente mantinha a voz em particular, algo estritamente entre ela e a mãe. Porém, há algumas noites, ela se forçou a cantar uma balada para Soren, num Reino Cabaré. Em minutos, o Reino chegou à sua lotação máxima, com centenas de pessoas aguardando para ouvi-la cantar novamente. Ária tinha ido embora. E exatamente como ela esperava, Soren a perseguia desde então. Quando ele propôs o programa para essa noite, ela agarrou a oportunidade.

– Eu precisava deixá-lo interessado. – Ela espanou uma semente de seu joelho.
– Vou falar com ele, assim que ele parar com a guerra de frutas. Então, sairemos daqui.

– Vamos fazê-lo parar agora. Diremos que estamos entediadas... o que não deixa de ser verdade.

– Não, Pais – disse Ária. Soren não podia ser forçado a nada. – Deixe comigo.
Soren deu um salto por cima da fileira da plantação diante delas, assustando-as. Ele estava segurando um abacate, com o braço erguido pra trás. Sua calça cinza estava coberta de borões de suco e polpa.

– O que há de errado? Por que vocês duas estão só sentadas aqui?

– Estamos entediadas com esse jogo de podrebol – disse Paisley.

Ária se retraiu, esperando pela reação de Soren. Ele cruzou os braços, movendo o maxilar de um lado para outro enquanto encarava as duas.

– Então, talvez vocês devam ir embora. Espere. Eu quase esqueci. Vocês não podem ir embora. Acho que vão continuar *entediadas*, Paisley.

Ária deu uma olhada para a porta da câmara de compressão. Quando foi que ele a fechou? Ela percebeu que ele tinha todos os códigos para a porta e para a reprogramação dos olhos mágicos.

– Você não pode nos prender aqui, Soren.

– Ações precedem reações.

– Do que ele está falando? – perguntou Paisley.

– Soren! Vem cá – chamou Bane. – Você precisa ver isso!

– Senhoritas, estão precisando de mim em outro lugar.

Ele arremessou o abacate no ar, antes de sair correndo. Ária o pegou sem pensar. A fruta estourou em sua mão, transformando-se num grude verde pegajoso.

– Ele quer dizer que agora é tarde demais, Pais. Ele já nos trancou aqui fora.

Mesmo assim, Ária verificou a porta da câmara de compressão. O painel não respondia. Ela ficou olhando para o botão vermelho de emergência. Estava diretamente ligado ao servidor. Se ela o apertasse, os Guardiões de Quimera viriam ajudá-las. Porém, elas também seriam punidas por terem escapado e provavelmente teriam seus privilégios reduzidos nos Reinos. E ela perderia qualquer chance de falar com Soren sobre sua mãe.

– Vamos ficar mais um pouquinho. Logo eles terão de voltar.

Paisley puxou os cabelos por cima de um dos ombros.

– Tudo bem. Mas eu posso segurar sua mão de novo? Isso me dá a sensação que ainda estamos nos Reinos.

Ária ficou olhando a mão estendida de sua melhor amiga. Os dedos de Paisley faziam ligeiros espasmos. Ela pegou sua mão, mas lutou contra o ímpeto de recuar, conforme elas caminhavam juntas, em direção ao fundo da cúpula. Ali, os três meninos passaram por uma porta que Ária não tinha notado. Outro conjunto de lâmpadas acendeu. Por um instante, ela ficou imaginando se seu olho mágico tinha sido reativado e ela estaria, de fato, vendo um Reino. Diante deles, surgiu uma floresta linda e verde. Então, ela olhou para o alto, vendo o teto branco familiar, acima do topo das árvores, perfilado por um emaranhado de luzes e canos. Ela percebeu que era uma imensa estufa.

– Achei – disse Bane. – Sou demais, não sou?

Echo virou a cabeça para o lado, afastando os cabelos esfiapados dos olhos.

– Cara, campeão. Surreal. Quer dizer, é real. Ah! Você sabe o que quero dizer.

Ambos olharam para Soren.

– Perfeito – disse ele, olhando atentamente. Ele tirou a camisa, jogou-a de lado e correu floresta adentro. No instante seguinte, Bane e Echo o seguiram.

– Nós não vamos entrar, vamos? – perguntou Paisley.

– Sem camisa, não.

– Ária, fala sério.

– Pais, olhe pra este lugar. – Ela deu um passo à frente. Fruta podre era uma coisa. Uma floresta era uma verdadeira tentação. – A gente tem que ver isso.

Estava mais fresco e escuro embaixo das árvores. Ária passou a mão livre pelos troncos, sentindo a textura áspera. A pseudo-casca não agarrava como se pudesse morder sua pele. Ela esmagou uma folha seca na palma da mão, criando farelos afiados. Ficou olhando os desenhos das folhas e dos galhos acima, imaginando

que, se os garotos se aquietassem, ela talvez pudesse ouvir as árvores respirando.

Ária acompanhava Soren, conforme eles adentravam mais a floresta, buscando uma chance de falar com ele, enquanto tentava ignorar o calor úmido da mão de Paisley. Ela e Paisley já tinham ficado de mãos dadas, nos Reinos, onde as pessoas se tocavam. Mas lá parecera mais macio, ao contrário da pegada apertada que ela sentia agora.

Os meninos estavam perseguindo uns aos outros pela floresta. Eles tinham encontrado varetas que carregavam como lanças e haviam esfregado terra em seu rosto e peito. Fingiam que eram Selvagens, como os que viviam do lado de fora.

– Soren! – chamou Ária, conforme ele passou como uma bala. Ele parou, de lança em punho, e chiou pra ela. Ela deu um solavanco pra trás. Soren riu dela e saiu correndo.

Paisley puxou-a, fazendo-a parar.

– Estão me assustando.

– Eu sei. Eles são totalmente assustadores.

– Não os meninos. As árvores. Dá a sensação de que vão cair em cima da gente.

Ária olhou para cima. Por mais diferente que fosse essa floresta, ela não tinha pensado nisso.

– Tudo bem. Vamos esperar perto da câmara de compressão – disse ela, começando a voltar. Alguns minutos depois, ela percebeu que tinham chegado a uma clareira, por onde já haviam passado. Estavam perdidas na floresta. Ela quase riu de tão inacreditável que era. Ela soltou a mão de Paisley e esfregou a palma da mão na calça.

– Estamos andando em círculos. Vamos esperar aqui até que os garotos venham. Não se preocupe, Pais. Ainda é Quimera, está vendo? – Ela apontou para o alto, através da folhagem, para o teto, depois desejou que não o tivesse feito. As luzes ficaram mais fracas, piscaram, depois voltaram.

– Me diga que isso não acabou de acontecer – disse Paisley.

– Vamos embora. Essa foi uma ideia imbecil. – Será que esta era a parte da Ag 6 que sofrera os danos?

– Bane! Vem cá! – berrou Soren. Ária virou-se, tendo um vislumbre de seu tórax bronzeado correndo por entre as árvores. Essa era sua chance. Se ela se apressasse, poderia falar com ele agora. Se deixasse Paisley ali sozinha.

Paisley deu um sorriso trêmulo.

– Vá, Ária. Fale com ele. Mas volte logo.

– Eu prometo que volto.

Soren estava erguendo uma pilha de galhos nos braços quando ela o encontrou.

– Vamos fazer uma fogueira – disse ele.

Ária congelou.

– Você está brincando. Você não vai, realmente... vai?

– Somos Forasteiros. Forasteiros fazem fogueiras.

– Mas ainda estamos do lado de *dentro*. Vocês não podem fazer isso, Soren.

Isso não é um Reino.

– Exatamente. Essa é nossa chance de ver a coisa real.

– Soren, é proibido. – O fogo nos Reinos era uma luz tremulante alaranjada e amarela que emanava um calor suave. Porém, por conta dos anos de treinamentos de segurança no núcleo, ela sabia que o fogo devia ser diferente. – Você pode contaminar o nosso ar. Pode incendiar Quimera...

Ela parou de falar, conforme Soren se aproximou. Gotas de água salpicavam sua testa. Abria filetes limpos na lama em seu rosto e peito. Ele estava suando. Ela nunca o vira suar.

Ele se inclinou mais perto.

– Aqui, eu posso fazer qualquer coisa que eu quiser. *Qualquer coisa*.

– Eu sei que pode. Todos podemos. Certo?

Soren parou.

– Certo.

Era agora. Sua chance. Ela escolheu cuidadosamente as palavras.

– Você sabe de coisas, não sabe? Como os códigos que nos trouxeram até aqui... Coisas que não deveríamos saber?

– Claro que sei.

Ária sorriu e contornou os galhos que ele trazia nos braços. Ela ficou na ponta dos pés, convidando-o a cochichar.

– Bem, conte-me um segredo. Diga-me algo que não deveríamos saber.

– Como o quê?

As luzes piscaram novamente. O coração de Ária deu um tranco.

– Conte-me o que está havendo com Nirvana – disse ela, esforçando-se para

parecer natural.

Soren deu um passo atrás. Ele sacudiu a cabeça lentamente, estreitando os olhos.

– Você quer saber sobre sua mãe, não é? Por isso veio até aqui? Está me enrolando?

Ária não podia mais mentir.

– Só me diga por que a conexão ainda está fora do ar. Eu preciso saber se ela está bem.

O olhar de Soren desceu até os lábios dela.

– Talvez eu te deixe me persuadir, mais tarde – disse ele. Depois empinou os ombros para trás, erguendo mais os galhos. – Neste momento, estou descobrindo o fogo.

Ária voltou correndo para a clareira, até Paisley. Ela também encontrou Bane e Echo ali. Os irmãos estavam construindo um montinho de galhos e folhas, bem no centro. Paisley correu até Ária assim que a viu.

– Eles estão fazendo isso desde que você saiu. Estão tentando fazer fogo.

– Eu sei. Vamos. – Seis mil pessoas viviam em Quimera. Ela não podia deixar Soren arriscar tudo.

Ária ouviu o barulho das varetas caindo, antes de algo bater em seu ombro. Ela gritou, conforme Soren a virou de frente para ele.

– Ninguém vai embora. Achei que tivesse deixado isso claro.

Ela encarou a mão em seu ombro, com as pernas amolecendo.

– Me solte, Soren. Não vamos nos envolver nisso.

– Tarde demais. – Os dedos dele cravaram nela. Ela resfolegou com a onda de dor que percorreu seu braço. Bane soltou um punhado de galhos que estava carregando e olhou para eles. Echo parou de repente, de olhos arregalados. As luzes refletiam na pele deles. Eles também estavam suando.

“Se você for embora”, disse Soren, “direi a meu pai que foi ideia sua. Com seu olho mágico desligado, será sua palavra contra a minha. Em quem acha que ele irá acreditar?”

– Você está maluco.

Soren soltou-a.

– Cale a boca e sente-se. – Ele sorriu. – E aproveite o show.

Ária sentou com Paisley, à beira das árvores, lutando contra o ímpeto de esfregar o ombro latejante. Nos Reinos, doía cair de um cavalo. Torcer um tornozelo também. Mas a dor era só um efeito salpicado para enfatizar a emoção. Nos Reinos, eles não se feriam de verdade. Isso era uma sensação diferente. Como se não houvesse limite para a dor. Como se pudesse continuar para sempre.

Bane e Echo faziam um trajeto atrás do outro, até a floresta, trazendo braçadas de galhos e folhas. Soren os instruía para colocar mais aqui, mais ali, enquanto o suor pingava de seu nariz. Ária deu uma olhada nas luzes. Ao menos elas estavam se mantendo equilibradas.

Ela não podia acreditar que se deixara, a si mesma e a Paisley, envolver nessa situação. Ela sabia que ir até a Ag 6 era arriscado, mas não esperava por isso. Ela nunca quisera fazer parte da panelinha de Soren, embora sempre tivesse se interessado por ele. Ária gostava de procurar as falhas na imagem dele. A forma como ele observava as pessoas quando riam, como se ele não compreendesse o riso. A forma como ele curvava o lábio superior depois de dizer algo que achasse particularmente inteligente. O jeito como ele a olhava de vez em quando, como se soubesse que ela não estava convencida.

Agora, ela percebia o que a intrigava. Através dessas falhas, ela tinha vislumbrado outra pessoa. E ali, sem os Guardiões de Quimera vigiando, ele estava livre para ser ele mesmo.

– Eu vou nos tirar daqui – sussurrou ela.

As lágrimas enchiam os olhos de Paisley.

– Chiu. Ele vai ouvir.

Ária notou o estalar das folhas abaixo dela e ficou imaginando quando teria sido a última vez que as árvores haviam sido regadas. Ela ficou observando o monte crescendo um palmo, depois dois. Finalmente, com quase três palmos de altura, Soren declarou que estava pronto.

Ele enfiou a mão na bota e tirou um pacote de baterias e uns fios, e entregou a Bane.

Ária não podia acreditar no que estava vendo.

– Você *planejou* isso? Veio aqui para fazer fogo?

Soren sorriu para ela, curvando o lábio.

– Também tenho outras coisas em mente.

Ária sugou o ar. Ele só podia estar brincando. Só estava tentando assustá-la

porque ela o enganara, mas ela não tivera outra escolha.

Os meninos se reuniram, enquanto Soren murmurava:

- Tente assim... - e - ... na outra ponta, imbecil... - e - ... deixe que eu faço. -

Até que todos pularam pra trás, afastando-se da labareda que se ergueu das folhas.

- Caramba! - gritaram eles, exatamente ao mesmo tempo. - Fogo!



Capítulo 2

ÁRIA

Mágica.

Essa era a palavra que vinha à mente de Ária. Uma palavra antiga, de uma época em que as ilusões ainda mistificam as pessoas. Antes que os Reinos transformassem a mágica em algo comum.

Ela se aproximou, atraída pelos tons dourados e pelo âmbar das labaredas, que, aliás, mudavam de forma constantemente. A fumaça tinha um cheiro mais encorpado do que qualquer cheiro que ela havia sentido. Retraiu a pele de seus braços. Depois, viu como as folhas queimando se enroscavam, enegreciam e desapareciam.

Isso estava errado.

Ária olhou para cima. Soren estava paralisado, de olhos arregalados. Ele parecia enfeitiçado, assim como Paisley e os dois irmãos. Como se olhassem o fogo sem vê-lo.

– Agora chega – disse ela. – Precisamos desligar isso... ou arranjar água, ou alguma coisa. – Ninguém se mexeu. – Soren, está começando a se espalhar.

– Vamos fazer mais.

– *Mais?* Árvores são feitas de madeira. Isso vai se espalhar pelas árvores!

Echo e Bane saíram correndo, antes que ela terminasse de falar.

Paisley agarrou-lhe a manga, afastando-a da pilha em brasa.

– Ária, pare, ou ele vai machucá-la outra vez.

– Este lugar todo vai queimar se não fizermos algo.

Ela olhou para trás. Soren estava perto demais do fogo. As chamas chegavam quase à altura de sua cintura. Agora o fogo emitia sons, dava estalos e crepitava,

com um rugido abafado.

– Peguem gravetos! – gritou ele para os dois irmãos. – Os gravetos vão deixá-lo mais forte.

Ária não sabia o que fazer. Quando ela pensou em impedi-los, a dor irradiou em seu braço, alertando-a do que poderia acontecer novamente. Echo e Bane vieram correndo, com os braços cheios de galhos. E os jogaram no fogo, mandando centelhas por entre as árvores. Uma onda de ar quente passou por seu rosto.

– Nós vamos correr, Paisley – sussurrou ela. – Agora... vá.

Pela terceira vez naquela noite, Ária agarrou a mão de Paisley. Não podia deixar a amiga para trás. Ela serpenteava por entre as árvores, com as pernas chacoalhando, enquanto tentava mantê-las numa reta. Ela não sabia quando os garotos começaram a persegui-las, mas ouviu Soren atrás dela.

– Encontrem-nas! – gritou ele. – Espalhem-se!

Então, Ária ouviu um som uivado ruidoso que a fez parar. Soren estava uivando como um lobo. Paisley cobriu a boca com a mão, contendo o choro. Bane e Echo o acompanharam, preenchendo a floresta com gritos selvagens e agudos. O que estava acontecendo com eles? Ária saiu correndo de novo, segurando a mão de Paisley com tanta força que ela tropeçou.

– Venha, Paisley! Estamos perto! – Elas tinham de estar perto da porta que levava de volta à cúpula agrícola. Quando chegassem lá, ela acionaria o alarme de emergência. Então, elas ficariam escondidas, até a chegada dos Guardiões.

As luzes do alto piscaram de novo. Dessa vez, elas não voltaram a acender. A escuridão recaiu sobre Ária como algo sólido. Ela se retesou. Paisley trombou em suas costas e gritou. Elas tropeçaram cegamente até o chão, braços e pernas colidindo. Ária se remexeu ereta, piscando com força, como se tentasse se orientar. De olhos fechados ou abertos, o que via era a mesma coisa.

Os dedos de Paisley tremiam enquanto tateavam seu rosto.

– É você, Ária?

– Sou eu – cochichou. – Quieta, ou eles nos ouvirão!

– Tragam o fogo! – gritou Soren. – Arranjem um pouco de fogo para que possamos ver!

– O que eles vão fazer conosco? – perguntou Paisley.

– Eu não sei. Mas não vou deixar que se aproximem o suficiente para

descobrir.

Paisley ficou tensa ao seu lado.

– Está vendo aquilo?

Ela estava. Uma tocha vinha abrindo caminho na direção delas, a distância. Ária reconheceu os passos sólidos de Soren. Ele estava mais longe do que ela esperava, mas ela percebeu que isso não fazia diferença. Ela e Paisley não podiam se mover sem se arrastar ou apalpar o caminho adiante. Mesmo que soubessem que direção tomar, seguir alguns metros não adiantaria.

Surgiu uma segunda chama.

Ária tateou em busca de uma vareta. As folhas se desintegravam em suas mãos. Ela abafou a tosse junto à manga. Cada vez que respirava, seus pulmões se contraíam mais. Ela tinha ficado preocupada com Soren e o fogo. Agora percebia que a maior ameaça podia ser a fumaça.

As tochas balançavam pela escuridão, conforme se aproximavam. Ela desejou que sua mãe nunca tivesse partido. Desejou jamais ter cantado para Soren. Mas desejar não a levaria a lugar algum. Tinha de haver algo que ela pudesse fazer. Ela virou seu foco para dentro. Talvez pudesse reiniciar seu olho mágico e pedir ajuda. Ela buscou o comando, como sempre fazia. Mesmo em sua mente, ela sentia como se estivesse remexendo na escuridão. Como se reiniciava algo que nunca tinha sido desligado?

Ver as tochas se aproximando, o fogo subindo, cada vez mais, e Paisley tremendo a seu lado, não ajudava em nada sua concentração. Mas ela não tinha nenhuma outra esperança. Finalmente sentiu um pequeno impulso, nas profundezas de seu cérebro. Uma palavra surgiu em sua tela inteligente, letras azuis flutuando em contraste à floresta em chamas.

REINICIAR?

Sim!, ordenou ela.

Ária se retraiu, conforme pregos quentes se arrastavam pelo seu crânio e desciam por sua espinha. Ela resfolegou de alívio ao ver surgir uma grade de ícones. Ela estava novamente ligada, mas tudo parecia estranho. Todos os botões de sua interface eram genéricos e estavam no lugar errado. E o que era aquilo? Ela viu um ícone de mensagem em sua tela, intitulado “Pássaro Canoro”, o apelido com o qual sua mãe a chamava. Lumina tinha enviado uma mensagem! Mas o arquivo tinha sido armazenado na memória local e não iria ajudá-la agora. Ela

precisava contatar alguém.

Ária tentou contatar Lumina diretamente, “FALHA DE CONEXÃO” piscou na tela, seguido por um número de erro. Ela tentou Caleb e os dez próximos amigos que lhe ocorreram. Nada conectava. Ela não estava conectada aos Reinos. Ela fez uma última tentativa. Talvez seu olho ainda estivesse gravando.

“REVER”, comandou ela.

O rosto de Paisley surgiu no quadrante de reprodução, no canto superior esquerdo de sua tela inteligente. Mal dava para enxergar Paisley, só os contornos de seu rosto amedrontado e o lampejo do fogo captado por seu olho mágico. Atrás dela, uma nuvem reluzente de fumaça se aproximava.

– Eles estão vindo! – disse Paisley, num sussurro frenético, e a gravação terminou.

Ária comandou o olho para gravar novamente. O que acontecesse, o que Soren e os irmãos fizessem ficaria gravado e ela teria provas.

As luzes reacenderam. Estreitando os olhos na claridade, Ária viu Soren vasculhando o local, Bane e Echo a seu lado, como um bando de lobos. Os olhos dos dois reluziram ao localizá-la com Paisley. Ela deu um salto e ficou de pé, puxando Paisley acima, mais uma vez. Ária correu, segurando firme na mão de Paisley, tropeçando por cima de raízes e abrindo caminho por entre galhos que prendiam em seu cabelo. Os garotos davam gritos ruidosos que retumbavam nos ouvidos de Ária. Seus passos pesados vinham logo atrás dela.

A mão de Paisley escapou da pegada de Ária, que se virou ao cair no chão. O cabelo de Paisley se espalhou por cima das folhas. Ela esticou o braço para Ária, gritando. Soren estava com metade do corpo em cima dela, os braços enlaçando suas pernas.

Antes que Ária pudesse pensar, ela bateu os pés contra a cabeça de Soren. Ele gemeu e caiu para trás. Paisley se contorceu, escapando, mas Soren avançou contra ela novamente.

– Solte-a! – Ária se aproximou dele, mas, dessa vez, ele já estava pronto para ela. Ele esticou a mão, pegando o tornozelo de Ária.

– Corra, Paisley! – gritou Ária.

Ela lutava para se soltar, mas Soren não a largava. Ele ficou de pé e agarrou-a pelo antebraço. Havia folhas e terra grudadas no rosto dele e também em seu peito. Atrás dele, a fumaça vinha rolando por entre as árvores, em ondas

cinzentas, deslocando-se lenta e velozmente ao mesmo tempo. Ária olhou para baixo. A mão de Soren era duas vezes o tamanho da sua e toda musculosa, como o restante dele.

– Não está sentindo, Ária?

– Sentindo *o quê*?

– Isso. – Ele apertou-lhe o braço com tanta força que ela gritou. – Tudo. – Os olhos dele disparavam ao redor, sem parar em lugar nenhum.

– Não faça isso, Soren. Por favor.

Bane veio correndo, segurando uma tocha, ofegante.

– Socorro, Bane! – gritou ela. Ele nem olhou para ela.

– Vá pegar Paisley – disse Soren. Então Bane sumiu. – Agora, somos só eu e você – disse ele, passando a mão nos cabelos dela.

– Não *me toque*. Eu estou gravando isso. Se você me machucar, todos verão!

Ela bateu no solo, antes de perceber o que tinha acontecido. O peso dele esmagou-a, tirando o ar de seus pulmões. Ele a encarava fulminante, enquanto ela resfolegava, lutando para respirar. Então, ele passou a focar seu olho esquerdo. Ária sabia o que ele ia fazer, mas seus braços estavam presos, apertados entre as coxas dele. Ela fechou os olhos e gritou, conforme ele cravou os dedos em sua pele, arrancando a borda de seu olho mágico. A cabeça de Ária deu um solavanco à frente, depois bateu de volta no chão.

Dor. Como se seu cérebro tivesse sido arrancado. Acima dela, o rosto de Soren parecia vermelho e turvo. O calor se espalhou por seu rosto e ouvido. A dor foi diminuindo, latejando com o pulsar de seu coração.

– Você é louco – disse alguém, com a voz dela, soando inarticulada.

Os dedos de Soren apertavam sua garganta.

– Isso é *real*. Diga que você está sentindo.

Ária ainda não conseguia puxar ar suficiente. Pontadas de dor penetravam em seus olhos. Ela estava desvanecendo como seu olho mágico. Então, Soren olhou para cima, desviando dela, e afrouxou a pegada. Ele xingou e seu peso esmagador se ergueu.

Ária se forçou a ficar de joelhos, cerrando os dentes diante do grito agudo que irrompeu em seus ouvidos. Ela não conseguia enxergar. Esfregou os olhos para limpar o embaçado, com as pernas tremendo ao se levantar. Ela viu um estranho entrar na clareira, emoldurado pelo fogaréu. Ele estava sem camisa, mas não havia

dúvida: não era Bane, nem Echo.

Era um Selvagem de verdade.

O dorso do Forasteiro era quase tão escuro quanto sua calça de couro, seus cabelos eram um emaranhado louro como uma Medusa. Havia tatuagens que envolviam seus braços. Ele tinha os olhos espelhados de um animal. Eram olhos nus, os dois.

O facão em sua lateral reluziu enquanto ele se aproximava.

Leia também de Veronica Rossi

SOB O CÉU DO NUNCA

PELA NOITE ETERNA

A CAMINHO DO AZUL SERENO

BROOKE: HISTÓRIAS DA TRILOGIA NEVER SKY